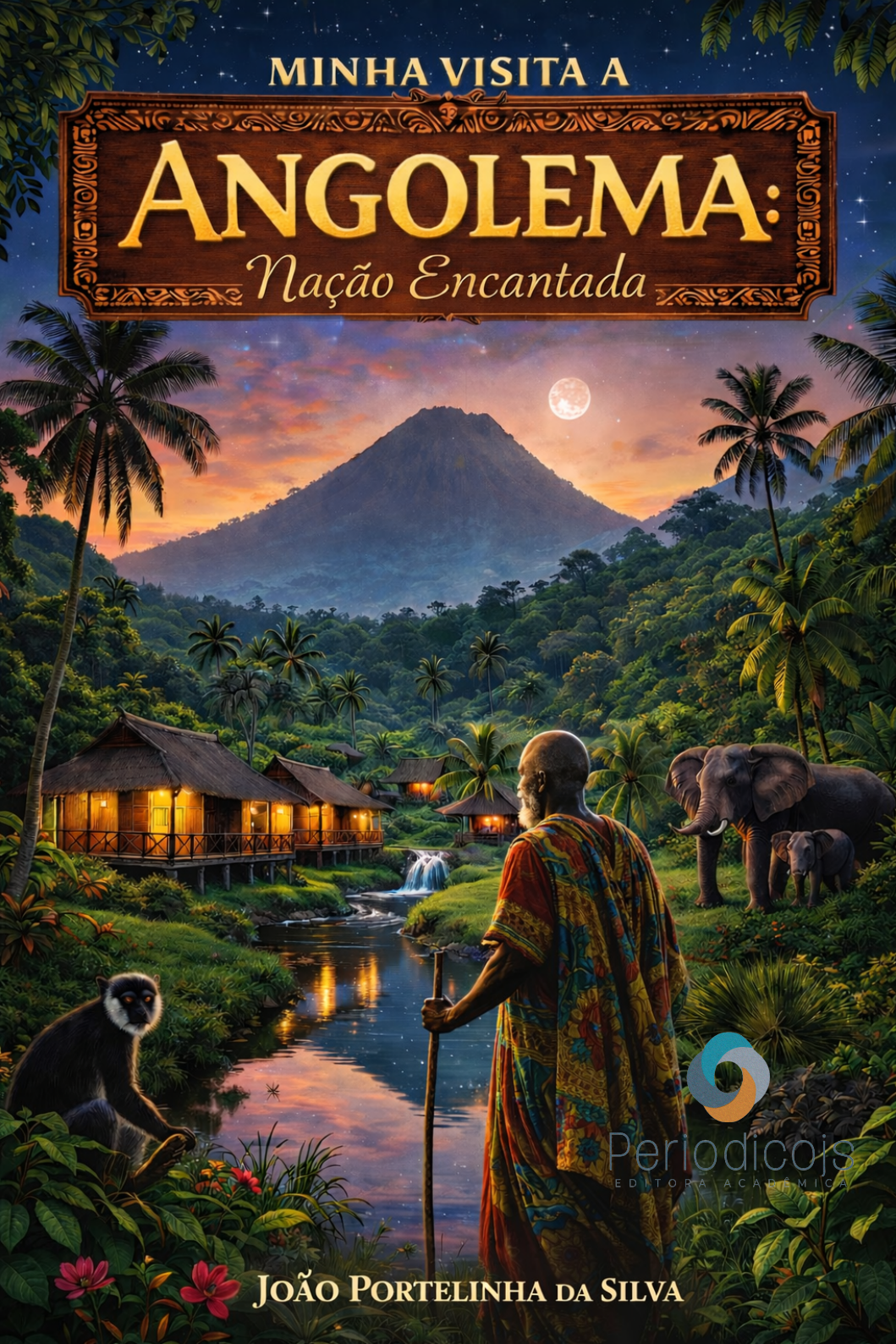
MINHA VISITA A

ANGOLEMA:

Nação Encantada



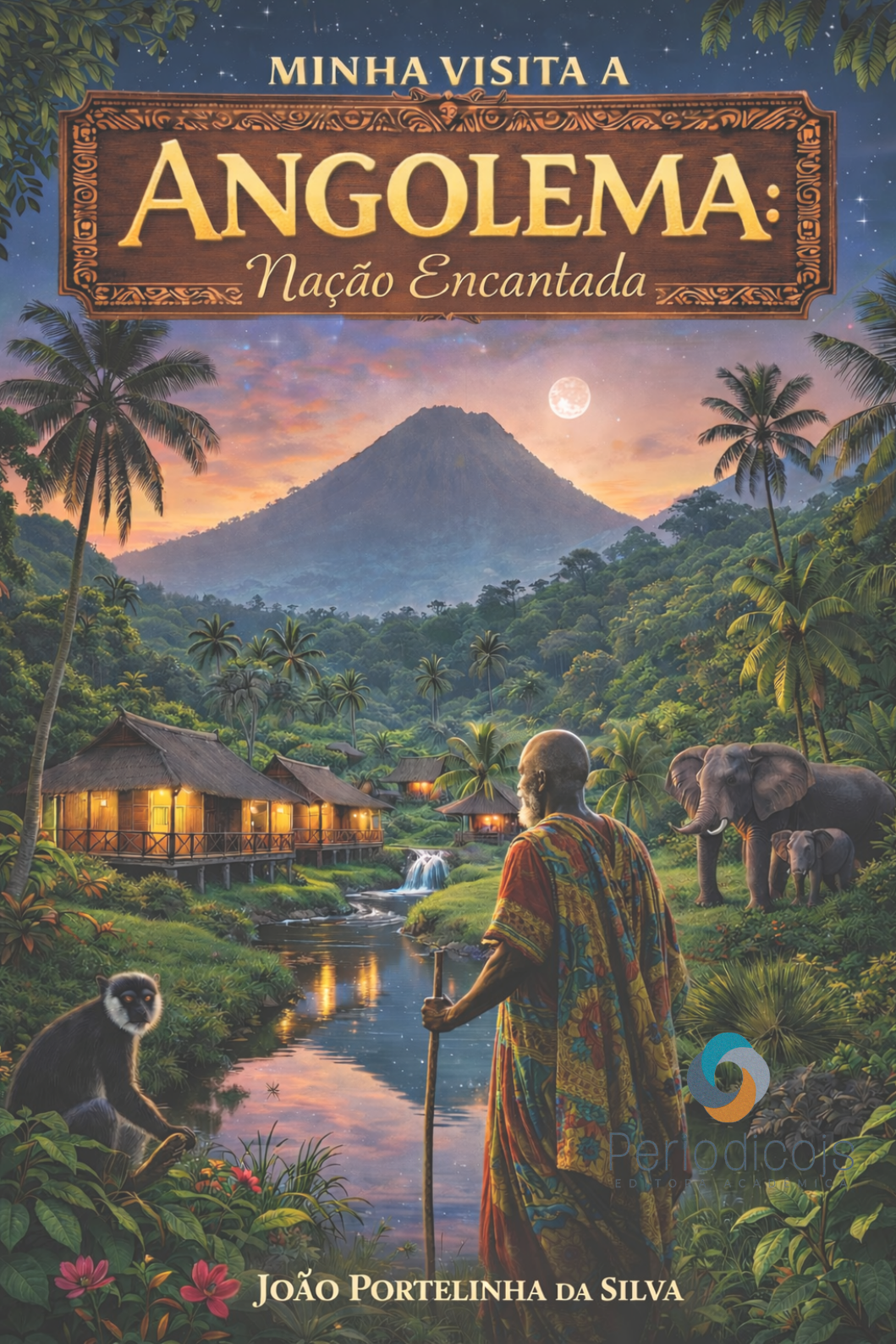
Periodicojs
EDITORA ACADÊMICA

JOÃO PORTELINHA DA SILVA

MINHA VISITA A

ANGOLEMA:

Nação Encantada



Periodicojs
EDITORIA ACADÊMICA

JOÃO PORTELINHA DA SILVA

Projeto Gráfico, editoração, capa
Editora Acadêmica Periodicojs

Idioma
Português

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Silva, João Portelinha da
Minha visita a Angolema [livro eletrônico] : nação encantada / João Portelinha da Silva. -- 1. ed. -- João Pessoa, PB : Periodicojs, 2026.
PDF

ISBN 978-65-6010-247-7

1. Ancestralidade 2. Antirracismo 3. Contos 4. Cultura africana 5. Diversidade 6. Educação 7. Igualdade I. Título.

26-405265.0 CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura brasileira B869.3

Camila Aparecida Rodrigues - Bibliotecária CRB - SP-010133/O



Filipe Lins dos Santos
Presidente e Editor Sênior da Periodicojs

CNPJ: 39.865.437/0001-23

Rua Josias Lopes Braga, n. 437, Bancários, João Pessoa - PB - Brasil
website: www.periodicojs.com.br
instagram: @periodicojs

Prefácio

Angolema é um país fictício, mas o sonho que lhe dá vida é inteiramente real. Este livro nasce da esperança e do desejo profundo de ver Angola transformar-se em uma nação justa, próspera e respeitadora de sua diversidade. Aqui, não há espaço para o racismo, o tribalismo ou a corrupção. Em Angolema, a paz entre os povos é sagrada, a cultura local é valorizada, e as mulheres são agentes fundamentais da vida pública e social. Embora a Angolema seja fruto da imaginação, as reflexões e as palestras ministradas por um de seus protagonistas — o próprio autor — são verdadeiras, rigorosas e encontram-se publicadas em revistas científicas reconhecidas. Entre essas contribuições acadêmicas está a proposição da desinência "ANGO" para indicar as relações culturais, políticas e econômicas entre Angolema, que na verdade foi para Angola, e outras nações. Essa proposta, resultado de longo estudo, está publicada e registrada no memorial para defesa da titularidade acadêmica do autor.

Consta também a sugestão do trabalho ser tido como um dos direitos humanos proposto pelo autor publicado em revistas cientistas. Este livro é mais do que uma visita a um lugar idealizado; é um convite à reflexão crítica e ao comprometimento com o futuro. Que Angolema inspire caminhos reais para uma Angola que floresça na justiça, na igualdade e na esperança.

João Rodrigues Portelinha da Silva

Sumário

A CHEGADA AO PAÍS DA ESPERANÇA
8
FEKA YETU: A JÓIA DA ÁFRICA MODERNA
17
O GOVERNO DE AMARA KAMBALE: ÉTICA E LIDERANÇA
25
RIQUEZAS MINERAIS E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL
33
A FAUNA E FLORA: O PULMÃO VIVO DE ANGOLEMA
40
TRADIÇÕES ANCESTRAIS E RITUAIS VIVOS
47
EDUCAÇÃO PLURICULTURAL E MULTILÍNGUE
54
ENCONTROS E DIÁLOGOS NA UNIVERSIDADE NACIONAL DE ANGOLEMA
61
PALESTRAS E IDEIAS NA ACADEMIA DE ANGOLEMA
68
A JUSTIÇA E O JULGAMENTO DE MWANGA TSHIBANDA
74
O AMOR QUE SUSTENTA A NAÇÃO
81
O DIA A DIA DA CAPITAL FEKA YETU
87

CULTURA E LITERATURA: VOZES DA ALMA ANGOLEMANA
94
CONSELHO DE MINISTROS: DEMOCRACIA E PARTICIPAÇÃO ATIVA
101
OS DESAFIOS DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL
107
A MULHER EM ANGOLEMA: BELEZA E CULTURA
114
O CONFLITO EMOCIONAL: JOSÉFA E MINHA LEALDADE
121
A TRADIÇÃO DO IMBONDEIRO: MEMÓRIAS E SABEDORIA
127
REFLEXÕES E ESPERANÇAS PARA O FUTURO
133
O DESEJO DE RETORNAR À NAÇÃO ENCANTADA
139
EPÍLOGO: VOZES DO POVO ANGOLEMANO
143
ANEXOS DA MEMÓRIA: PERSONAGENS E LOCAIS VISITADOS
149
A MENSAGEM FINAL DO PRESIDENTE AMARA KAMBALE
156


A CHEGADA AO PAÍS DA ESPERANÇA

Havia algo quase mágico naquela manhã em que recebi o convite. Uma mensagem inesperada, mas carregada de significado, vinda do presidente Amara Kambale — meu velho amigo e ex-colega de treinamentos na época da União Soviética. Eu mal podia imaginar que aquela chamada se transformaria em uma viagem que ficaria marcada para sempre na minha vida. A lembrança daqueles voos em Kiev, quando éramos jovens pilotos na Academia de Mig-21, ainda ecoava em minha memória. E depois, o reencontro na Bulgária e na RDA, aliados não apenas pela amizade, mas por uma confiança sólida como aço. Agora, Amara seguia uma trajetória impressionante, conduzia uma nação, Angolema, com um brilho singular nos olhos e uma visão de futuro. Era o convite para visitar aquela terra que ele chamava carinhosamente de "País da Esperança".

O avião pousou suave no aeroporto internacional de Feka Yetu, a capital que eu já imaginava antes mesmo de chegar. Quando coloquei o pé no solo, uma sensação de calor, não apenas do clima, mas do acolhimento humano, envolveu-me. A cidade se revelou com uma organização

e limpeza que me surpreenderam profundamente — nada das imagens que geralmente associamos à África, nem ao caos ou à pobreza das manchetes. Feka Yetu era o retrato vivo de uma modernidade consciente, onde a natureza e o progresso pareciam caminhar de mãos dadas.

Assim que sai do terminal, fui recepcionado por um grupo de pessoas, servidores públicos e também jovens estudantes, cuja expressão brilhante denunciava orgulho e esperança no futuro. As ruas largas e arborizadas formavam avenidas onde as acácias e flamboyants lançavam sombras suaves e refrescantes.

O céu azul, tingido por nuvens delicadas, parecia testemunhar aquele momento de renascimento de uma terra. O ar tinha um aroma de terra úmida, folhas secas e um leve toque de jasmim silvestre, uma sensação que jamais esquecerei. E havia o som constante das vozes, em uníssono com o canto dos pássaros multicoloridos, como se a própria natureza celebrasse a chegada daquele visitante vindo de tão longe.

A hospitalidade não poderia ser maior. Logo fui

encaminhado ao palácio presidencial, um edifício que mesclava com elegância a arquitetura tradicional africana com linhas modernas, revestido de painéis solares que captavam a luz do sol em prol da sustentabilidade. Flores cultivadas no próprio jardim presidencial decoravam o ambiente, inclusive raras espécies nativas que pareciam sussurrar histórias de gerações passadas.

Foi ali que encontrei Joséfa, a irmã do presidente Amara. Ela surgiu como um raio de sol em meio à recepção, sua presença marcada pela graça e uma beleza discreta, mas inesquecível. Joséfa tinha traços finos, a pele de um bronzeado suave que brilhava sob a luz, e olhos expressivos que guardavam segredos e um brilho peculiar, algo entre o mistério e a doçura. Vestia um kaftan colorido que realçava sua figura esguia, e seus dedos estavam ornados por miçangas tradicionais, testemunhas de sua ligação profunda com as raízes culturais do país.

Nossa conversa começou com formalidades, mas rapidamente tomou um tom pessoal, uma familiaridade construída sobre as histórias e lembranças que eu

compartilhará com Amara. Ela falou sobre a infância que passaram juntos e sobre a responsabilidade que sentia por aquele legado familiar que transcende gerações e fronteiras. Joséfa estava curiosa, ambas as mãos entrelaçadas suavemente, questionando minha vida no Brasil, minha esposa Kleice, minha família. E ali, naquele intercâmbio simples, porque os gestos mais profundos são, por vezes, silenciosos, me vi dividido entre a admiração e o conflito emocional.

Joséfa sorria com uma ternura que desarmava — e eu sabia que seus olhos procuravam mais que um visitante diplomático ou ex-colega. Era uma presença rara, uma mulheres que carrega em si a concretização de uma cultura milenar adorada por seus irmãos umbundos, tão perto da minha própria história, e a lembrança do compromisso firme que tinha com Kleice, minha esposa, que do outro lado do atlântico acumulava saudades e carinhos inestimáveis. O gesto de Joséfa era um convite, não só para partilhar momentos daquela nação luminosa, mas para um estranhamento de corações.

Caminhamos juntos pelas ruas da capital, ela me guiando como quem apresenta o mais precioso dos seus segredos. Os bairros da cidade eram uma harmoniosa combinação de casas baixas, coloridas, com telhados feitos de materiais locais e modernos painéis solares. Os mercados pulsavam com cores, aromas e sons — frutas frescas, especiarias, artesãos sorridentes, crianças correndo e rindo — tudo ecoava a essência de um povo que se orgulha da sua cultura e abre os braços para o novo. Nos entremeios das avenidas, o canto suave de músicos locais, tocando tambores e kora, parecia um punhado de histórias traduzidas em notas musicais.

O clima era ameno, marcado por aquela suavidade típica dos trópicos para quem está em harmonia com a natureza. A temperatura oscilava agradavelmente, temperada por brisas frescas que vinha das savanas e da proximidade de rios que vi em mapas. O desafio do calor abrasador africano, tão temido, parecia aqui domado pelo respeito e cuidado que a comunidade depositava na gestão ambiental, mais um aspecto da prosperidade sustentável

que Amara se orgulhava de dirigir.

Não resisti a perguntar a Joséfa sobre como aquela sinergia entre tradição e modernidade tinha se consolidado ali, em Angolema — e ela respondeu com a simplicidade dos que sabem o quanto a fé e o trabalho se entrelaçam em um povo chamado a renascer. Contou-me sobre as reuniões comunitárias nas praças onde os anciãos ensinavam às novas gerações a importância do respeito, e de como o governo assegurava o direito à educação a todos — desde o ensino básico até as universidades, onde jovens de toda a África e do mundo chegavam para estudar.

Enquanto caminhávamos, a alma vibrante de Feka Yetu se revelava por entre os sorrisos das pessoas, a leveza dos cumprimentos que ressoavam na sua cultura, muitas vezes uma leve inclinação de cabeça — quase um tocar de alma. Este respeito mútuo permeava as relações, reforçando a sensação de pertencimento e confiança. O país parecia uma encruzilhada entre o passado e o futuro, onde cada pedra do calçamento expressava uma narrativa de resistência, esperança e visão.

Naquela primeira tarde, compartilhei um chá local com Joséfa em uma casa tradicional que misturava paredes de barro com janelas amplas, abertas para um jardim onde se viam pinturas de artistas locais e plantas medicinais cultivadas com cuidado. Conversar com ela foi abrir as janelas do coração, navegar entre as memórias compartilhadas com Amara, conhecer os desafios e conquistas do povo angolemano, e lidar com uma emoção contida diante da distância da minha esposa Kleice.

Fui envolvido por aquela aura de esperança e promessa, pela convicção de que Angolema não é apenas um país, mas um exemplo vivo de que a justiça, a ética e a sustentabilidade podem, sim, andar lado a lado com o progresso e o amor pelo passado. Em cada rosto, em cada gesto, sentia a pulsação dessa terra que há muito tempo esperava ser descoberta — aquela que Amara me apresentava, com orgulho e amizade.

O entardecer caiu sobre Feka Yetu com a suavidade de um abraço. As luzes da cidade começavam a acender-se, projetadas pela energia limpa que iluminava cada esquina.

O céu se tingia de tons alaranjados, e eu sabia que aquela jornada recém iniciada guardaria histórias que contaria por toda a vida. Diante daquele cenário de paz e fé renovada, minha alma vibrou em sintonia com a "Terra da Esperança" — Angolema. E, mesmo dividido por sentimentos emaranhados, a certeza era uma só: aquele lugar e aquelas pessoas seriam, para sempre, parte do meu destino.

FEKA YETU: A JÓIA DA ÁFRICA MODERNA



Feka Yetu despertava em mim um fascínio que ia muito além da expectativa inicial. A capital de Angolema, com sua aura serena e vibrante, parecia uma joia preciosa lapidada com um cuidado delicado, onde tradição e modernidade conviviam em uma coreografia perfeita, quase poética. À medida que meus passos percorriam suas ruas, eu me sentia conduzido por um livro vivo, cujas páginas narravam a história e a identidade de um povo que sabia onde estava e para onde queria ir — com respeito às suas raízes e olhos brilhando para o futuro.

Logo pela manhã, atravessei a principal avenida da cidade, uma larguíssima via sustentada por árvores finas e robustas, desde as acácias que dançavam com o vento até os flamboyants que embelezavam a paisagem com suas flores vermelhas, quase flamejantes. As calçadas eram limpas, de pedras polidas, organizadas em mosaicos que lembravam padrões ancestrais. Esse detalhe chamou-me atenção: ali, a modernidade não esconde o passado, antes o realça, combinando referências artísticas locais com a funcionalidade urbana. Bancos de madeira das aldeias

foram esculpidos para tornarem-se mobiliário público, e luminárias feitas de bambu sustentavam discretamente luzes de LED alimentadas por energia solar. Era uma obra da engenharia sustentável, onde os saberes tradicionais se misturavam à ciência de ponta.

O contraste entre os prédios modernos e as casas tradicionais era harmonioso, quase uma conversa entre gerações. Prédios altos, revestidos por vidros reflexivos que captavam a luz do sol sem ofuscar, dividiam espaço com casas baixas, de telhados inclinados, feitas em adobe e madeira, com varandas largas decoradas com cortinas feitas por artesãs locais. A arquitetura, em essência, parecia um mapa da alma de Angolema: transparente, forte e acolhedora.

No Mercado Central, um dos polos mais pulsantes da cidade, fui recebido por uma profusão de cores, cheiros e sons que pareciam encorpar a alma angolemana. Frutas tropicais — manga, maracujá, baobá — estavam empilhadas em cestas rústicas, enquanto hortaliças frescas e especiarias finamente moídas se misturavam no ar. O tilintar das

moedas, o burburinho constante entre compradores e vendedores e o som dos tambores homenageavam uma vida comunitária vibrante, onde o comércio não era apenas troca de bens, mas também de histórias e afeto. Caminhei entre barracas onde artesãos exponham tecidos de algodão tingidos com pigmentos naturais, máscaras de cerâmica e estatuetas de madeira, símbolos que narravam mitos ancestrais sob formas belas e enigmáticas. A diversidade cultural era evidente em cada sorriso, cada conversa em línguas diferentes. Enquanto o português e o umbundo eram predominantes, não raro escutava conversas em francês, inglês e até mandarim — testemunhas da abertura de Angolema para o mundo.

Os transeuntes cumprimentava-se em vez de se cumprimentavam com a tradicional leve inclinação de cabeça, um gesto que irradiava respeito silencioso, enquanto crianças corriam lado a lado, alguns falando em inglês entre eles, outros nas línguas locais, compartilhando a energia de gerações que crescem aprendendo a se conectar com o global sem perder o que lhes é próprio.

Não muito longe, as praças da cidade eram espaços vivos que abrigavam encontros, debates e celebrações populares. Nelas, anciãos sentavam-se em cadeiras de madeira ao redor do Imbondeiro, a lendária "árvore da vida", cujos galhos espalhavam-se imponentes, guardiã das histórias da comunidade. Ali, jovens e velhos misturavam-se, mesclando sons de conversas animadas, risadas e até recitais de poesia local que reverberavam da boca dos mais talentosos. Estive em uma dessas praças durante uma tarde, quando testemunhei uma sessão coletiva de contação de histórias que fazia a ponte entre mitos ancestrais e debates contemporâneos — uma mistura rara e tocante que simbolizava a alma da capital.

A tecnologia também se fazia presente de maneira delicada e inteligente. O transporte público era composto por ônibus elétricos silenciosos e confortáveis, que serpenteavam a cidade sem poluir. Os semáforos, alimentados por energia solar, eram complementados por sensores inteligentes que adaptavam os tempos de passagem de acordo com o fluxo dos pedestres e veículos. O wi-fi

gratuito nas praças e espaços públicos garantia o acesso à informação a todos, um passo decisivo para a cidadania digital. Fiquei impressionado ao visitar uma escola moderna onde crianças aprendiam programação e robótica junto com artes ancestrais, símbolos de uma educação plural que honra passado e futuro.

Mas talvez o que mais marcasse a minha percepção desse lugar fosse o calor humano que pulsava em cada esquina. Não importava a hora do dia, os habitantes de Feka Yetu tinham a gentileza e o acolhimento no olhar. A cada cumprimentar, uma sincera inclinação de cabeça ou um sorriso aberto. Em uma cela de café local, uma senhora me serviu uma infusão feita de ervas regionais, e seus olhos brilharam ao ouvir que eu vinha do Brasil — país com o qual Angolema mantém uma conexão profunda, não só histórica, mas cultural e emocional. Ela falou com orgulho da construção da nação, da luta pela independência que finalmente em 1968 libertou o país da colonização portuguesa, e contou-me histórias de seus filhos estudando nas universidades de Feka Yetu, mesclando estudos

tradicionais e internacionais.

A convivência entre diferentes grupos étnicos era um pilar fundamental da paz e do progresso dali. A presença majoritária dos umbundos, compartilhada com os vizinhos de Angola, harmonizava-se com outros povos que traziam suas próprias tradições e acrescentavam camadas culturais à identidade angolemana. Essa diversidade, longe de causar conflitos, alimentava o tecido social com riqueza, fortalecendo ideias, artes, culinária e práticas diversas, observadas e respeitadas por todos. A pluralidade refletia-se inclusive nos festivais que ocupavam as ruas em dias especiais, onde a dança, a música e os trajes típicos criavam espetáculos de cores e sons, um convite à celebração conjunta de uma história multifacetada.

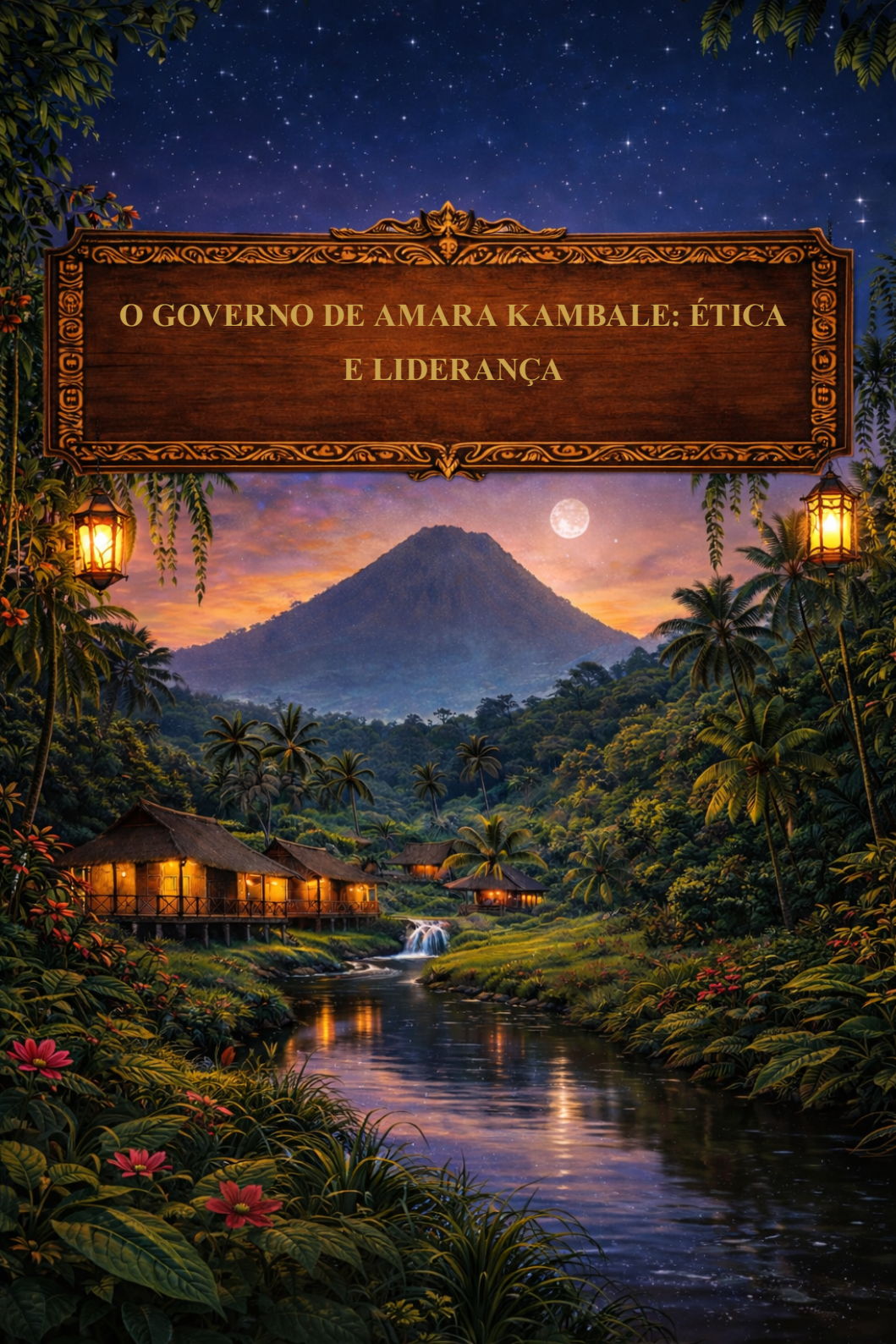
Minha imersão em Feka Yetu deixou uma impressão fulgurante: encontrava ali não apenas uma capital vibrante, mas um modelo de resiliência e equilíbrio. Uma cidade que conseguiu renovar a si mesma respeitando sua cultura, preservando o meio ambiente e adotando a inovação. Um espaço onde os desafios típicos de nações

em desenvolvimento eram enfrentados com planejamento, ética e visão de longo prazo. Cada bairro, cada praça, cada rosto transmitia a mensagem de que aquela era uma comunidade que sabia valorizar o passado, mas sem nunca perder a coragem de olhar para o horizonte com esperança e determinação.

Enquanto a noite caía, pude contemplar a iluminação das ruas — suave, discreta e eficiente — que criava um pano de fundo perfeito para as sombras dançantes das árvores ancestrais. Ali, sentado num banco de madeira modificado para conforto, escutei o murmurar do vento que trazia consigo o suave silêncio da savana distante. Em meio àquele cenário, compreendi que Feka Yetu era mesmo a jóia rara da África moderna, uma síntese perfeita entre o pulsar da tradição e o brilho promissor do amanhã.

E, assim, com a alma tocada e o coração pulsando na cadência daquela cidade encantada, encerrei meu dia sabendo que ainda havia muito a descobrir, aprender e sentir naquele lugar belo e grandioso, que é Angolema — um contínuo convite para acreditar na possibilidade de um mundo melhor.

O GOVERNO DE AMARA KAMBALE: ÉTICA E LIDERANÇA



Meu reencontro com Amara Kambale, décadas depois dos tempos em que éramos jovens obrigados a aprender a arte da pilotagem nas frias pistas da RDA e nas bases militares da Bulgária, deu-se em um cenário muito distante daquelas aeronaves e treinamentos rigorosos. Naquela época, Amara já demonstrava algo que o diferenciava: uma disciplina férrea unida a uma empatia rara. Era um homem de convicções fortes, alguém que encarava cada missão não apenas como uma tarefa técnica, mas como um compromisso ético. E ali estávamos nós, em Angolema, ele agora presidente de uma nação emergente e eu seu convidado, tendo a oportunidade de testemunhar a liderança que ele exercia com maestria.

Durante nossos dias de convívio, observei o que torna Amara um líder fora do comum. Ele partilhava comigo suas experiências e reflexões, revelando uma trajetória moldada pela busca incessante por justiça, sustentabilidade e integridade. Recordava com orgulho a formação naquela escola de pilotagem militar da ONU em Kiev, quando jovens de diferentes países socialistas juntavam-se para aprender

táticas, voos, mas, acima de tudo, valores — algo raro no mundo sombrio da época. Aqueles anos foram para ambos uma escola não apenas técnica, mas moral, e a semente da ética governamental que hoje ele pratica foi plantada ali.

O governo de Amara é, sem dúvida, a encarnação daquilo que há de mais inspirador na política moderna. Ao contrário de tantas realidades africanas retratadas injustamente pela mídia internacional, aqui tudo parecia funcionar com transparência e eficiência. Sob sua administração, a justiça social não era um discurso vazio declamado em palácios, mas sim um compromisso diário traduzido em ações concretas. O segredo, ele me disse em mais de uma conversa, está em colocar sempre o povo no centro das decisões, garantindo que a riqueza natural e mineral de Angolema sirva a todos, sem exceção.

E o que dizer dessa riqueza? Angolema possui reservas abundantes de cobre, coltan e lítio — minérios essenciais para a indústria global, de eletrônicos a energias renováveis —, mas o que impressiona não é apenas a geologia favorável, e sim a forma responsável com que

esses recursos são explorados. O governo de Amara garantiu a participação comunitária na gestão dessas minas, criando mecanismos para que os lucros revertessem em educação, saúde, infraestrutura e meio ambiente, e não em bolsos de poucos privilegiados. O modelo que implantaram restringe o dano ambiental, utilizando técnicas avançadas e respeitando a biodiversidade exuberante da savana e das florestas tropicais de Angolema.

Convidado pelo presidente, tive a chance de visitar várias instalações de projetos de energia limpa — uma prioridade genuína da administração Kambale. Usinas solares que se estendiam como colônias de espelhos ao sol e parque eólicos que giravam silenciosamente ao sabor dos ventos africanos mostravam um compromisso claro com um futuro sustentável. “O que não preservamos hoje, não teremos para as futuras gerações”, afirmou ele numa reunião empatada de conversas sérias sobre políticas públicas, olhando nos olhos de seus ministros com transparência absoluta.

Mas o que mais torna esta liderança exemplar

é a ética que rege cada ato. Amara não tolera corrupção nem conivência, como ficou claro quando me falou, com um certo pesar, sobre o episódio do ministro da economia, Mwanga Tshibanda, e como tivera que agir com firmeza, mesmo diante de amizades antigas e pressões políticas, para proteger o povo de Angolema. "Não há espaço para traição em um governo que se propõe honrar cada centavo do povo," disse-me com convicção.

Nossa relação pessoal, profundamente solidificada por anos de confiança e respeito mútuo, é parte do que faz essa experiência única para mim. Compartilhamo histórias, dores e conquistas desde a juventude, e, diante dele, não há necessidade de máscaras. Relembro tardes inteiras no palácio presidencial, onde, após discussões sobre políticas, sentávamo-nos para relembrar os velhos tempos — as gélidas madrugadas em bases soviéticas, as dificuldades políticas da época, as esperanças juvenis. Ele sempre teve a humildade rara de quem sabe que servir é um privilégio.

Por isso, quando discuto com Amara os desafios atuais — a necessidade de ampliar ainda mais a educação

científica, fortalecer a economia digital, promover a inclusão social de comunidades tradicionais — sinto que seu olhar lança pontes entre tradição e inovação, passado e futuro. Seu governo não é uma estrutura rígida, mas um organismo vivo que responde constantemente às demandas do povo, sempre baseado em diálogo, transparência e justiça. Participar desses debates e perceber o funcionamento interno da máquina política sob a sua liderança me dá a certeza de que Angolema está no caminho certo.

Outro aspecto relevante é a distribuição da riqueza gerada pelas minas. Cada cidadão recebe uma quantia anual justa — 5.000 macutas — proveniente dos dividendos da exploração mineral. Este gesto é mais do que técnico, é uma declaração clara de que o Estado é um administrador da riqueza coletiva, não um dono. Andando pelas ruas de Feka Yetu, sentia na conversa das pessoas, nas fisionomias tranquilas, na confiança aberta, o reflexo real desse modelo econômico responsável. Essa justiça direta transformara a vida de famílias, garantindo acesso a serviços essenciais e estimulando a economia local.

Além disso, a educação gratuita oferecida desde a infância, até as universidades de ponta — onde professores estrangeiros e nativos se unem — é fruto da visão política do presidente, que entendeu cedo que investir na mente do povo é o maior motor para a prosperidade sustentável. Até a saúde pública, sob o zelo da primeira-dama Elena Morozova, uma médica russa comprometida, é exemplo da prioridade dada a cuidar do outro, sem distinções ou burocracias excludentes.

Cada vez mais, percebo que a ética e a liderança de Amara Kambale não são apenas ideais laudáveis escritos em discursos. São práticas diárias que ele personifica em seu jeito humilde e determinado. Esse é um homem que tem a coragem de unir uma nação diversificada, de abrir portas para parcerias internacionais sem perder a identidade de seu povo, e de garantir um ambiente onde governantes e cidadãos caminham juntos rumo a um futuro que honra o passado, respeita o presente e acolhe a esperança.

Em Angolema, sob a tutela de Amara, eu testemunhava não só um governo, mas um compromisso

profundo com a dignidade humana. Algo que, muitas vezes, parece escasso neste mundo turbulento. E eu me senti uma vez mais privilegiado — não apenas por ser chamado para compartilhar aquela jornada, mas por reviver através do amigo o que uma liderança verdadeiramente ética pode alcançar. Aquele homem, meu amigo de tantos voos e batalhas passadas, transformava sonhos em realidade, e eu, espectador de uma história ainda em construção, sabia que Angolema era, sob seus cuidados, uma promessa cumprida de justiça e esperança.

RIQUEZAS MINERAIS E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL



Ao adentrar o universo econômico de Angolema, logo percebi que ali a terra não era apenas um cenário, mas sim uma fonte de vida pulsante, onde a riqueza mineral não servia para alimentar a ganância desenfreada, mas para sustentar um projeto de prosperidade inclusiva e sustentabilidade. O solo daquele país tropical protéico guarda os três principais tesouros minerais que impulsionam sua economia: o cobre, o coltan e o lítio. A qualidade e a abundância dessas matérias-primas são reconhecidas internacionalmente, porém, o que mais me impressionou foi a gestão responsável e ética com que Angolema trata suas riquezas, vislumbrando não apenas o presente, mas um futuro equitativo e consciente.

O cobre, com sua importância fundamental para as indústrias elétricas e de construção civil, encontra em Angolema jazidas vastas, cuidadosamente exploradas em harmonia com o ambiente. As minas localizadas próximas às montanhas setentrionais são operadas por cooperativas locais, que recebem orientações técnicas que priorizam o mínimo impacto ambiental. Nelas, conheci geólogos e

engenheiros que realçavam a força dos povos tradicionais integrados aos processos, respeitando seus saberes ancestrais enquanto aplicavam tecnologias modernas. Essa sinergia entre ciência e cultura originava uma prática mineradora inédita: a terra se regenerava à medida que o minério era extraído, com programas de reflorestamento rigorosos e a recuperação dos aquíferos subterrâneos.

O coltan, conhecido por seu papel vital na eletrônica global devido ao nióbio e tántalo extraídos dele, também era uma das gemas da sub-região. A preocupação em Angolema, diferente de muitos outros países, era em evitar o "conflito de minerais" que assombra outras partes da África. Aqui, a cadeia produtiva é transparente, supervisionada por comitês independentes e com participação popular, assegurando que todo o comércio seja ético e que a renda gerada reverta em benefícios diretos à população. Durante uma visita a uma usina de beneficiamento, fui apresentado a protocolos rigorosos de fiscalização ambiental, onde o reaproveitamento de resíduos e a minimização da contaminação eram prioridades diárias.

Mas foi o lítio que mais me fascinou, por sua ligação direta com o futuro energético do planeta. Reconhecido mundialmente pela demanda crescente devido às baterias de carros elétricos e de dispositivos tecnológicos, o lítio de Angolema é explorado por meio de um programa inovador chamado "Lítio Verde", que mina e processa com a total ausência de uso de substâncias químicas nocivas ao solo ou às águas. Um engenheiro ambiental que acompanhava o projeto me explicou detalhadamente os cuidados com as plantações próximas e o monitoramento contínuo da qualidade do ar e da água, um exemplo claro de que o crescimento econômico não precisa ser antagonista da conservação ambiental.

Essa gestão mineral afinada com princípios de justiça e equilíbrio faz parte do amplo compromisso do governo da República de Angolema com o desenvolvimento sustentável. Parte significativa dos resultados financeiros da mineração é destinada a um fundo nacional que investe em tecnologias limpas de energia, projetos sociais e educação. Eu tive a oportunidade de conhecer alguns desses projetos

em campo: usinas solares que se espalhavam como tapetes luminosos pelo sertão, aproveitando a exposição imensa ao sol do continente africano; parques eólicos estratégicos onde gigantescas turbinas giravam em harmonia com a força dos ventos constantes — em uma dança silenciosa que simbolizava a esperança de um mundo menos poluído.

Além da obsessão por energia renovável, o país desenvolve políticas agrícolas sustentáveis que integram comunidades rurais, destacando a importância de manter a biodiversidade e preservar o solo fértil para as próximas gerações. A reverência pela fauna e flora locais, que já havia notado em minhas caminhadas pela capital e seus arredores, estende-se também ao campo, onde práticas tradicionais complementam os avanços tecnológicos. O modelo de economia circular prospera em vilarejos, onde cada processo produtivo minimiza resíduos e reutiliza tudo aquilo que pode ser reaproveitado, reforçando a economia local e fortalecendo o senso de comunidade.

Um dos aspectos que me tocou profundamente foi o sistema de redistribuição da riqueza gerada por

essas atividades. Em Angolema, o povo é parte essencial do progresso. Anualmente, cada cidadão recebe 5.000 macutas, a moeda local, como dividendos diretos da venda dos minérios. Esse gesto é simbólico e real ao mesmo tempo: significa que a nação não pertence apenas à elite ou ao governo, mas a cada indivíduo que compõe essa sociedade plural. Conheci Mara, uma mãe de família que agradecia aquele valor mensal com lágrimas nos olhos, explicando como aquela renda ajudava a garantir o alimento e o acesso à escola dos filhos. Era uma distribuição digna, que reforçava o direito inalienável de viver bem e de ser parte ativa do desenvolvimento.

Esse modelo inspirador de governança é acompanhado por rigorosas políticas ambientais e sociais que asseguram transparência e controle popular. Assembleias comunitárias e conselhos de cidadãos participam diretamente das decisões sobre o uso dos recursos, fiscalizando obras e investimentos, obrigando o governo a se manter fiel ao compromisso de justiça social e respeito pela natureza. Esse protagonismo fortalece a

democracia local e enraíza uma cultura de responsabilidade compartilhada.

Refletindo sobre tudo isso, percebi que Angolema oferece um exemplo raro e luminoso no cenário global. Ali, a extração mineral, longe de ser apenas uma atividade econômica, é peça-chave de um ciclo virtuoso que alimenta o desenvolvimento sustentável, a prosperidade coletiva e o respeito pelo meio ambiente. Uma nação que soube unir a riqueza de sua terra ao valor maior da ética e da inclusão social, criando um caminho que muitos gostariam de trilhar.

No fim daquele dia, enquanto o sol se punha sobre as vastas regiões minerais e os parques de energia limpa, eu compreendi que Angolema estava verdadeiramente escrevendo uma história diferente — uma narrativa de esperança onde o progresso tecnológico e econômico era submisso ao cuidado com a vida, com a natureza e com cada um de seus habitantes. O brilho do cobre, do coltan e do lítio não ofuscava a luz ainda maior da justiça e da responsabilidade coletiva. E essa era a verdadeira fortuna desse país maravilhoso, a terra da esperança.


A FAUNA E FLORA: O PULMÃO VIVO DE ANGOLEMA

Ao atravessar as terras vastas de Angolema, sente-se no ar uma reverência palpável, quase como se a própria terra respirasse um segredo antigo, guardado em suas savanas douradas e em suas densas florestas tropicais. Era como adentrar um santuário vivo, onde a fauna e a flora entrelaçavam-se em um espetáculo de cores, sons e ritmos que pareciam ecoar desde o nascimento do continente africano. Cada passo que dava nesse cenário onírico me levava mais profundamente à alma do país, ao coração pulsante do seu povo e à íntima conexão que mantêm, desde tempos imemoriais, com essa riqueza natural extraordinária.

Era impossível não se encantar com as savanas, que se estendiam como um tapete de ouro sob o sol escaldante, ondulando suavemente ao ritmo do vento que sussurrava entre as acácias esguias, cujas copas serrilhadas desenhavam sombras delicadas no chão. Naquele vasto oceano amarelado, a vida selvagem resplandecia em toda sua majestade. O rugido grave e imponente de um leão rompendo o silêncio da manhã fazia o ar vibrar, carregado de poder e mistério, como se fosse o rei daquela terra

milenar. No horizonte, elefantes caminhavam em manada, seus corpos maciços e passos seguros traduzindo a força e a antiguidade do continente-irmão, como sentinelas dos segredos que os homens ainda tentam decifrar.

Não muito longe, girafas elegantes esticavam seus longos pescoços, tocando com delicadeza as folhas tenras nas copas das árvores, figuras quase etéreas contra o céu azul profundo. Seus movimentos silenciosos contrastavam com a imponência dos rinocerontes, que cruzavam lentamente as sombras das árvores centenárias, criaturas contemplativas, quase como guardiães solitários daquela vastidão. Zebras, antílopes e gnus compunham um mosaico em movimento, uma dança hipnotizante de vida sob o sol escaldante que parecia dar brilho a cada músculo, a cada pelo listrado.

Adentrando a floresta tropical, o cenário transformava-se num verde profundo, denso, quase sagrado. Ali, o ar carregava um frescor úmido e um silêncio reverente, interrompido apenas pelo canto incessante e animado das aves multicoloridas — papagaios, sabiás e turacos — que se alternavam em pautas de uma sinfonia natural. Camaleões

mudavam de cor como se fossem pinceladas de um artista caprichoso, desafiando o olhar humano a acompanhá-los entre as folhas. A diversidade de plantas, muitas delas com propriedades medicinais, parecia ser um baú de tesouros naturais, cuidadosamente protegido pelas mãos ancestrais do povo angolemano.

Era impossível falar da fauna e flora de Angolema sem mencionar o lendário imbondeiro, a árvore da vida. Com seus braços robustos e galhos intricados, erguidos imponentes para o céu, o imbondeiro era mais que uma árvore; era um símbolo de conexão profunda entre o passado, o presente e o futuro da nação. Cercada por cerimônias, atos sagrados e encontros comunitários, aquela árvore milenar guardava as histórias e memórias do povo, assimilando sob sua sombra a sabedoria que atravessava gerações. Para os angolemanos, o imbondeiro era o elo vivo que unia a natureza, a cultura e a espiritualidade, um monumento natural à imortalidade do espírito coletivo.

O que mais me tocou foi perceber que este ecossistema não era um mero cenário ao redor do qual a

sociedade se desenvolvesse, mas sim seu cerne essencial — a alma invisível que orientava pensamentos, comportamentos e governança. O respeito pelo meio ambiente estava entranhado em todos os níveis da vida. O povo de Angolema não via a natureza como algo separado, mas como parte vital de sua identidade cultural e espiritual. Em conversas com anciãos e líderes comunitários, compreendi que a preservação da fauna e da flora carregava um significado sagrado, uma responsabilidade coletiva transitada pelos mitos, pelas histórias e pela observância de rituais ancestrais.

Uma mulher anciã, cujos olhos brilhavam com a sabedoria dos tempos, me falou com reverência sobre o pacto entre os homens e a terra: "Nós somos os guardiões, os filhos das árvores e dos animais. Cuidar deste lugar é honrar nossos antepassados e garantir a esperança das crianças que ainda vão nascer". Essa relação suscitava uma ideia forte de sustentabilidade que ia além de qualquer política pública. Era uma herança cultural imborrável, um pacto sagrado que fez de Angolema um modelo global para a conservação ambiental.

Essa cosmovisão se traduziu em práticas concretas. Zonas amplas de parques nacionais e reservas protegiam espécies ameaçadas, com vigilância comunitária integrada ao sistema de segurança nacional. Os caçadores ilegais eram combatidos com rigor e educação, e programas de reintrodução de espécies, inclusive rinocerontes e elefantes que tinham sido dizimados em décadas passadas, estavam em avanço. Paralelamente, iniciativas de turismo consciente estimulavam a visitação responsável, conectando quem chegava àquela terra com as belezas naturais e os valores culturais de respeito e cuidado.

O Imbondeiro, por sua vez, era palco dos rituais comunitários como o "evamba", um rito ancestral de passagem que simbolizava a integração do jovem à sociedade e o despertar para suas responsabilidades como guardião da natureza e da cultura. O festival que o envolvia reunia dança, música e histórias, reforçando a identidade coletiva e celebrando a dança do sol, um espetáculo que evocava o ciclo da vida e a renovação constante da terra. Perto dele, as crianças aprendiam desde cedo que não poderiam apenas

tomar da natureza, mas também dar a ela.

Cada detalhe que observava revelava uma sociedade que percorre um caminho pouco trilhado, onde o progresso não é medido apenas por números econômicos, mas pela saúde e pela harmonia do meio ambiente e do ser humano com ele. Caminhando sob o céu africano, envolto pelo murmúrio das folhas e pelo olhar calmo dos animais ao longe, senti que Angolema me mostrava não só a beleza externa de sua fauna e flora, mas, sobretudo, a beleza de seu espírito. Ali, naquele santuário vivo, encontrava-se não apenas riqueza natural, mas um legado cultural e humano capaz de sustentar a esperança para as gerações futuras.

Naquele instante, compreendi que a verdadeira grandeza de Angolema reside não apenas em suas reservas minerais ou no brilho de suas cidades, mas na reverência que seu povo deposita na terra, nas árvores, nos animais — no ciclo infinito da vida. E assim, deixei o santuário com o coração cheio de admiração e com a certeza de que essa relação sagrada entre homem e natureza é o verdadeiro pulmão vivo de Angolema, a nação da esperança.

TRADIÇÕES ANCESTRAIS E RITUAIS VIVOS



Em minha jornada por Angolema, mergulhar na vibrante tapeçaria de suas tradições ancestrais revelou-se um dos capítulos mais emocionantes e reveladores dessa terra de esperança. Ali, a história estava viva — não apenas como uma narrativa impressa em livros ou conservada em museus, mas pulsando com força nas festas, nas danças, nos rituais e nas memórias compartilhadas pelo povo. Era como se cada gesto, cada som e cada cor fossem portadores de uma conexão sagrada com os antepassados, uma evocação constante daquilo que forma a alma angolemana.

Logo nos primeiros dias, tive a sorte de ser convidado para presenciar uma das cerimônias mais significativas que representam esse elo entre gerações: o "evamba", um rito de passagem que celebra a transição dos jovens para a idade adulta. O ambiente estava imerso numa atmosfera quase mística, onde os preparativos começavam dias antes com músicas tradicionais ecoando pelos vilarejos, e os anciãos ensinavam cantos sagrados e histórias que falavam dos mitos criadores da terra e da humanidade. A comunidade se reunia em torno do imbondeiro, a árvore da

vida, cujo tronco robusto parecia abraçar aquelas memórias ancestrais e abençoar os rituais. O "evamba" era uma promessa de continuidade, uma renovação do compromisso de cuidar da cultura e da natureza, transmitindo valores essenciais como respeito, solidariedade e sabedoria.

Ali, observei as jovens moças e rapazes vestidos com trajes coloridos, adornados com miçangas, penas e pinturas corporais que narravam seus clãs e histórias. As danças ostentavam movimentos que imitam o voo dos pássaros, a força do leão e a harmonia do rio — símbolos vivos da relação entre a natureza e o homem. Homens e mulheres, jovens e velhos compartilhavam o mesmo espaço, numa comunhão que transcendia tudo o que conhecia enquanto estrangeiro. Cada passo, cada ritmo, carregava uma mensagem profunda, celebrando a memória dos que vieram antes e também a esperança nos que estão por vir.

Essa vivência não era um relicário sem vida — bem ao contrário, as cerimônias e festivais agora conviviam com um país jovem e moderno que se projeta para o futuro. A harmonia entre o passado e a modernidade era um dos

pilares mais fortes da identidade angolemana. Por exemplo, durante o festival anual da colheita, enquanto os dançarinos executavam rituais tradicionais, jovens com celulares capturavam os momentos, compartilhando-os pelas redes sociais, ampliando o alcance daquela cultura para o mundo. No mesmo evento, pesquisadores e estudantes de uma universidade próxima discutiam os ritos, buscando conservar e compreender seu significado enquanto desenvolviam projetos de tradução e documentação linguística ajudando a preservar as línguas locais, como o umbundo.

Em uma tarde memorável, participei de uma sessão de culto aos antepassados conduzida por Sheik Bakari, um ancião reverenciado que representa a ponte viva entre o passado e o presente. Ele falava com voz firme e compassiva sobre a importância de manter viva a memória dos que partiram. “Nossos antepassados não estão mortos”, dizia ele, “eles vivem em nossas práticas, em nossa terra, em nossas histórias.” O culto era um momento de comunhão, onde cada gesto — o acender de velas, a oferenda de alimentos naturais, o canto coletivo — era uma oração

que reforçava a identidade coletiva e a unidade do povo angolemano. Aquela cerimônia, ao mesmo tempo simples e rica em simbolismo, mostrava como a conexão com as raízes é o alicerce da força cultural de uma nação.

Os moradores me contaram que essa tradição nunca foi resquício isolado do passado, mas um recurso vital contra a fragmentação social. Em Angolema, a memória ancestral atua como coerente linha condutora que integra um país multicultural, plurilíngue e plural. Não havia conflito entre respeito às tradições e o avanço científico ou tecnológico. Muito pelo contrário, essa convivência enriquecia o cotidiano — professores estrangeiros, por exemplo, frequentavam e respeitavam os rituais locais, enquanto os jovens estudantes absorviam com paixão as ciências modernas e as línguas estrangeiras, mantendo-se firmemente ancorados em seu legado ancestral.

Essa reverência pelas tradições transparecia ainda nas expressões artísticas urbanas. As paredes dos prédios da capital Feka Yetu exibiam murais que representavam danças, lendas e histórias mitológicas, pintados com

tintas naturais e técnicas contemporâneas. No mercado central, jovens artesãos fabricavam instrumentos musicais tradicionais ao lado de pequenas inovações tecnológicas, um perfeito exemplo da fusão entre memória e modernidade. Era comum ver apresentações musicais ao ar livre, onde o som do djembê encontrava em perfeita sintonia o ritmo dos sintetizadores, criando uma trilha sonora que falava ao mesmo tempo à tradição e à juventude globalizada.

E o mais belo nisso tudo era o respeito mútuo — entre jovens e anciãos, entre ciência e religião, entre tradições orais e educação formal. Essa base de convivência construída ao longo de gerações sustentava uma sociedade que não se via obrigada a escolher entre ser antiga ou nova, mas que abraçava ambos os estados como partes inseparáveis de sua identidade. A alma angolemana se manifestava, assim, em uma dança contínua e harmoniosa entre passado e presente, numa celebração permanente da diversidade e da unidade.

Foi impossível não sentir um profundo encanto diante daquelas cenas, uma admiração que me fez repensar

o que significa preservar a cultura. Em Angolema, isso vai muito além de manter vivas as tradições: é construir uma ponte viva entre gerações, um ritual que sustenta a identidade e a esperança. As cerimônias ancestrais e os rituais vivos não são apenas patrimônio — são a fonte de energia que alimenta o orgulho e o sonho de um povo único, que encontrou no respeito pelo passado a luz para iluminar seu futuro.

Ao final daquela experiência, sentia-me privilegiado por ter sido convidado a testemunhar uma cultura de coração aberto, que não teme o tempo nem o novo, porque sua força está na memória que honra e na esperança que canta em cada dança, em cada sorriso e em cada palavra entoada ao redor do imbondeiro — o símbolo vivo de uma nação que renasce a cada passo, celebrando a vida em sua essência mais profunda.

EDUCAÇÃO PLURICULTURAL E MULTILÍNGUE



Em Angolema, a educação é muito mais do que um simples instrumento de aprendizado; é a pedra fundamental sobre a qual repousa o futuro brilhante de uma nação plural e integrada. Desde o primeiro dia em que pisei na capital Feka Yetu, fiquei impressionado com a visível reverência que o povo dedicava ao ensino, especialmente pelo modo como as diversas línguas do país e do mundo convergiam em um ecossistema educacional vibrante e inclusivo.

O sistema escolar daquela nação jovem revela uma arquitetura linguística que respeita e valoriza as raízes ancestrais, ao mesmo tempo em que abre as portas para o mundo. A língua portuguesa, legado direto do passado colonial, atua como a língua oficial e de instrução na maioria das escolas. Contudo, o umbundo, língua predominante entre os grupos étnicos que dividem o território com Angola, é ensinado rigorosamente desde o ensino fundamental. Pais, professores e autoridades reconhecem que manter viva a língua materna é preservar a identidade, a cultura e a memória do povo.

Ao caminhar por uma escola pública em Feka Yetu,

vi crianças em suas carteiras, absorvendo com facilidade as aulas bilíngues. Um professor, falando em português, fazia uma pausa para repetir expressões chaves na língua umbundu, como “Muntu” (ser humano) e “Nzambi” (Deus), destacando para os alunos o peso cultural dessas palavras no cotidiano angolemano. As crianças, por sua vez, participavam ativamente, misturando as línguas com naturalidade, demonstrando uma fluência admirável que vai muito além do básico. Mais do que uma obrigação curricular, a educação pluricultural aqui se traduzia em um amor genuíno pelo próprio país e suas raízes.

Mas a pluralidade linguística vai muito além das duas línguas oficiais. Desde os primeiros anos da educação formal, as crianças eram incentivadas a aprender diversas línguas estrangeiras — uma iniciativa governamental apoiada pelo próprio presidente Amara Kambale, que acreditava piamente na integração global como motor para o desenvolvimento. O inglês, o francês, o mandarim, o espanhol e até o russo eram introduzidos nas grades curriculares, cada um com professores especializados e

metodologias inovadoras que valorizavam o diálogo e a participação.

Ao visitar o campus da Universidade Nacional de Angolema, fui recebido por um verdadeiro caleidoscópio cultural e linguístico. Estudantes de todas as partes do mundo encontravam ali um terreno fértil para explorar não só suas áreas de estudo, mas também para mergulhar em múltiplas línguas e expressões culturais. Em uma manhã, presenciei um grupo de estudantes discutindo em francês sobre um artigo científico, para logo depois transitar com naturalidade para o mandarim, debater um projeto de engenharia e, ainda, incluir palavras em umbundo para explicitar conceitos ligados à cultura local. Essa fluência múltipla era algo admirável, traduzindo o esforço coletivo para consolidar Angolema como uma nação globalizada e antenada com os desafios do século 21.

Entre os professores, destacam-se nomes de renome internacional, estrategicamente convidados para integrar o corpo docente do país. Vinha da França, dos Estados Unidos, da China, da Rússia e do Brasil, formando

um caldeirão transdisciplinar e multicultural que enriquece a formação acadêmica dos jovens. Nessas universidades, cursos inteiramente ministrados em inglês e mandarim convivem com aulas em português e nas línguas locais, facilitando intercâmbios, pesquisas conjuntas e a circulação de conhecimento em escala global. Os laboratórios e bibliotecas são equipados com tecnologia de ponta, e o ambiente é de intensa colaboração, onde as barreiras culturais ou linguísticas se dissolvem em prol do aprendizado.

O resultado desse sistema educacional tão pluralista é a formação de uma juventude poliglota, aberta, solidária e criativa, capaz de dialogar com o mundo e ainda assim manter a firmeza de suas raízes. Paulo, um jovem aspirante a biotecnólogo que conheci durante uma visita à universidade, sonhava em desenvolver tecnologias para a produção de energia limpa, mas não escondia sua paixão pelas danças e cantos tradicionais que aprendeu com sua avó. Para ele, falar quatro idiomas era tão natural quanto participar dos rituais de seu povo — era um orgulho e uma ponte que ligava o local ao global.

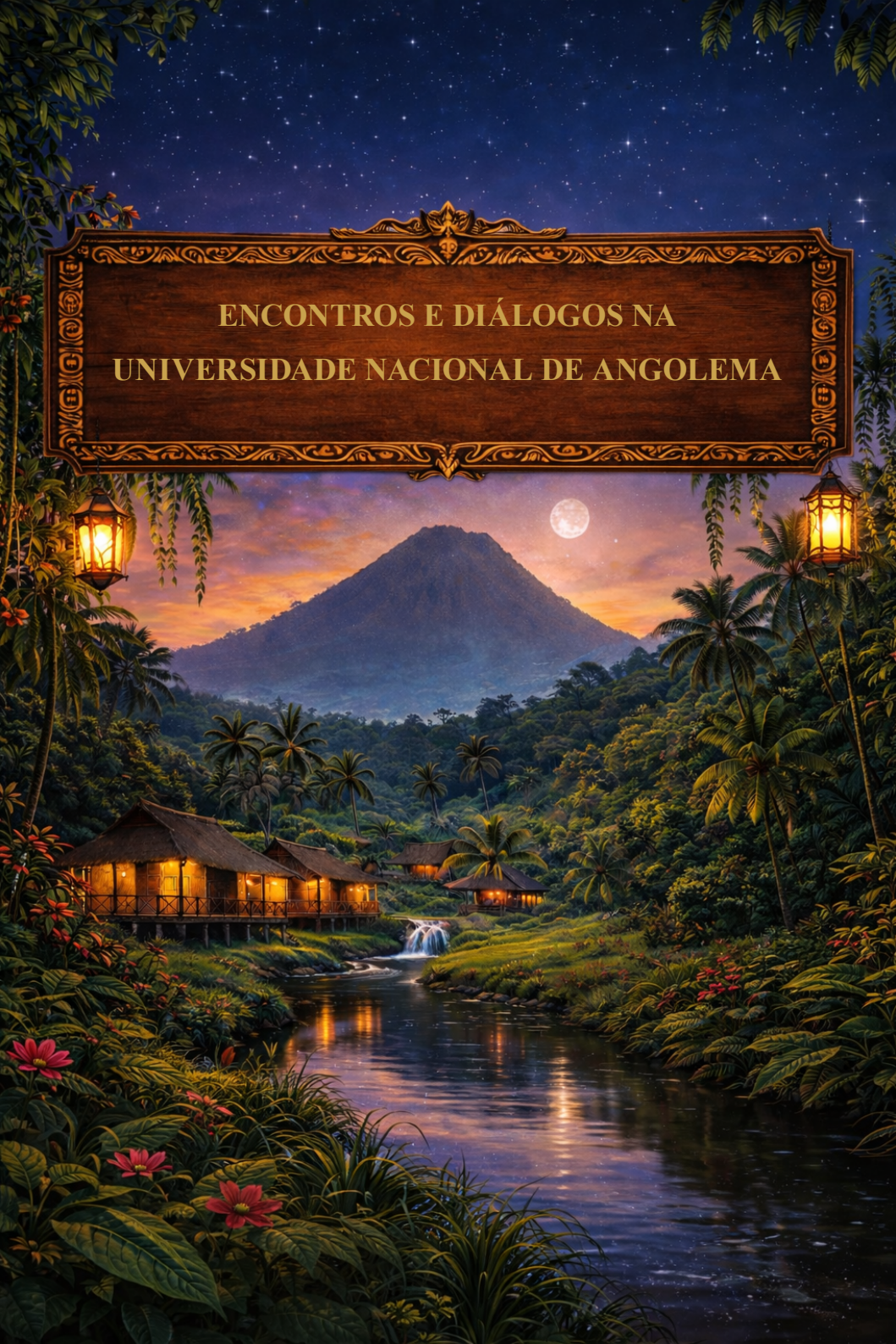
O incentivo à aprendizagem das línguas estrangeiras também ajudava a fortalecer o turismo, a cooperação internacional e os negócios, transformando Angolema em um centro regional de integração econômica e cultural. Cursos preparatórios para intercâmbios eram comuns, assim como parcerias entre universidades angolemanas e instituições no Japão, Alemanha, Canadá e Brasil. Professores e estudantes participavam regularmente de congressos multidisciplinares, enriquecendo o debate e estimulando pesquisas relevantes para o continente africano e o planeta.

Outro destaque era a ênfase na inclusão social através da educação linguística. Crianças e jovens de comunidades rurais, anteriormente isoladas, agora tinham acesso às escolas com infraestrutura moderna e programas bilíngues adequados às suas realidades, promovendo equidade e qualidade de ensino. A fluência em diversos idiomas não era privilégio das elites urbanas, mas uma política intencional para democratizar o conhecimento e ampliar as oportunidades.

Nas conversas com professores e gestores educacionais, percebi que essa dimensão linguística era mais que uma estratégia acadêmica: era uma afirmação de identidade e cidadania global. A língua era entendida como instrumento de empoderamento, conexão e diálogo intercultural. Somava-se à capacidade de ter orgulho das próprias tradições e, ao mesmo tempo, compartilhar o que Angolema tem de melhor com o mundo.

Ao sair das salas de aula e caminhar pelas alas cheias de estudantes animados, uma certeza me acompanhava: Angolema não era apenas uma nação abençoada por suas riquezas naturais, mas uma terra que cultiva a riqueza intelectual e cultural com a mesma intensidade. A educação pluricultural e multilíngue era a chave mestra para abrir portas, conectar pessoas e transformar sonhos em realidades palpáveis. E, assim, a jovem república se firmava não apenas como um exemplo no continente africano, mas como uma promessa internacional de um futuro mais fraterno, consciente e integrado, onde o conhecimento é luz e a diversidade, força.

ENCONTROS E DIÁLOGOS NA UNIVERSIDADE NACIONAL DE ANGOLEMA



A Universidade Nacional de Angolema era, sem exagero, um farol de saber que irradiava além dos muros de suas instalações, envolvendo toda a cidade de Feka Yetu numa atmosfera vibrante e de constante reflexão. Ao chegar ao campus, fui imediatamente absorvido pelo vento fresco que soprava entre edifícios que mesclavam estilos arquitetônicos contemporâneos e elementos tradicionais, um reflexo claro da filosofia integradora que rege aquele espaço. Entre estudantes, professores e pesquisadores, percebia-se um profundo respeito pelo diálogo, pela diversidade e pela urgente necessidade de conectar o conhecimento acadêmico às raízes culturais do país.

Logo no primeiro dia encontrei Lemba, jovem estudante de Direito, cuja curiosidade mirava não apenas os códigos e leis modernas, mas também os provérbios antigos do povo angolemano, na busca pelo significado mais profundo de justiça. “Quando dois elefantes brigam, são as árvores que sofrem”, disse-me enquanto folheava um denso caderno onde anotava incansavelmente interpretações jurídicas e culturais daquele provérbio. Para Lemba,

compreender esse legado é fundamental para construir uma justiça que não desconsidere as fontes ancestrais, criando pontes entre tradição e modernidade no exercício da cidadania.

Ainda naquela manhã, conheci Amina, uma aluna de Sociologia, que estudava os impactos da ocidentalização sobre as localidades rurais do país. Com olhos atentos, ela avalia as transformações sociais e culturais que acompanham o desenvolvimento econômico. "É um desafio equilibrar o progresso e manter viva a identidade própria," explicou, mostrando em seu computador mapas e entrevistas que realiza nas zonas remotas, onde as novas gerações lutam para encontrar seu lugar entre costumes antigos e inovação. Sua pesquisa mobiliza tanto métodos científicos quanto a escuta sensível às vozes locais, um balanço delicado para quem quer construir futuro ancorado na verdade.

Joel, o agrônomo, era uma figura igualmente fascinante. Envolvido em um projeto que pretendia transformar plantas com propriedades medicinais tradicionais em medicamentos modernos, ele me explicou

o processo de colaboração estreita com curandeiros e povos indígenas. “Não podemos substituir o saber ancestral, mas podemos dar a ele uma nova dimensão no contexto científico contemporâneo”, afirmou com a convicção de quem trabalha na fronteira que une metabolismo antigo e avanços tecnológicos. Joel mostrava plantas cujos princípios ativos, descobertos a partir do conhecimento dos curandeiros, têm potencial para tratar doenças comuns, aliviando o sistema público de saúde e valorizando a biodiversidade.

Enquanto conversava com esses jovens dedicados, recebi um convite para uma palestra no auditório principal, onde o professor Thomas Levy, antropólogo renomado dos Estados Unidos, e o ancião Sheik Bakari compartilhavam o palco para ensinar a importância do diálogo intergeracional e intercultural. Thomas, de fala pausada e olhar intenso, contextualizava para uma plateia atenta o significado do rito de passagem “evamba” — uma cerimônia que, segundo ele, era a expressão máxima da identidade social da comunidade angolemana, capaz de conectar passado, presente e futuro numa experiência transformadora.

Ao seu lado, Sheik Bakari, cuja sabedoria industrial cumpria o papel de mentor espiritual, acrescentava dimensões que os livros não alcançam. Com sua voz grave e pausada, narrava as histórias que circulavam pela tradição oral, detalhando o simbolismo da dança do sol, que ocorre durante o evamba — um convite ao equilíbrio e à renovação, um hino à vida em todas as suas formas. “O ritual não é mera tradição, é um compromisso — com a natureza, com os ancestrais e com a humanidade,” dizia ele, enquanto o auditório se enchia de uma reverência silenciosa. Era a materialização daquele encontro interdisciplinar, onde antropologia e espiritualidade, ciência e cultura ancestral dialogavam para dar significado pleno à existência da comunidade.

Após a palestra, tive a oportunidade rara de participar de um seminário informal com vários estudantes e professores, onde a diversidade de perspectivas se traduziu em debates vivos e apaixonados. Enquanto alguns defendiam a importância do método científico rigoroso, outros ressaltavam o valor da sabedoria empírica e das

práticas tradicionais como elementos imprescindíveis para a construção do conhecimento local. Lemba defendia a incorporação dos provérbios e leis consuetudinárias no sistema jurídico formal, enquanto Amina apontava a necessidade de garantir que o processo de modernização não desconsiderasse as demandas culturais das populações mais tradicionais. Joel destacava que somente com a interdisciplinaridade seria possível avançar em áreas como sustentabilidade e saúde pública.

Foi nesse ambiente plural e inclusivo, em que a escuta atenta e o respeito mútuo eram ouro, que percebi o quanto Angolema tem construído uma academia capaz de dialogar com o mundo sem jamais renegar seu passado. Professores estrangeiros como Thomas Levy vinham ao país não para impor conhecimento, mas para aprender e colaborar, enquanto o ancião Sheik Bakari emprestava às palavras a sabedoria de centenas de anos.

Ao final daquele dia intenso, caminhando pelos corredores revestidos de painéis que retratavam as diversas etnias da nação, senti uma vibração de futuro e esperança.

A Universidade Nacional de Angolema não era apenas uma instituição; era o palco vivo da integração de saberes, um espaço onde tradições, ciência e espiritualidade se entrelaçavam para criar respostas genuínas aos desafios contemporâneos.

A convivência com Lemba, Amina, Joel, Thomas e Sheik Bakari foi uma verdadeira aula sobre pluralidade e valor da diversidade. Eles me mostraram que o Brasil, Angola e o mundo poderiam aprender muito com essa nação jovem, que tem a capacidade de respeitar o que é ancestral sem abdicar do avanço, de unir o que é local e global, e de transformar educação em ponte para um futuro compartilhado, justo e humano. E assim, os corredores da universidade se tornaram para mim mais do que um espaço acadêmico: viraram um símbolo vivo da unidade e da força cultural do povo angolemano, cuja persistência e sabedoria anunciam um destino grandioso.

PALESTRAS E IDEIAS NA ACADEMIA DE ANGOLEMA



A vida acadêmica de Angolema é um coração que pulsa em múltiplos ritmos — o da razão e o da emoção, o da ciência e o da poesia. Durante minha permanência em Feka Yetu, recebi o honroso convite para ministrar palestras em três das mais respeitadas faculdades da Universidade Nacional de Angolema: Direito, Relações Internacionais e Antropologia. Mais do que compromissos formais, esses encontros tornaram-se pontes de afeto e pensamento, diálogos entre mundos que se reconhecem em sua humanidade comum.

Na Faculdade de Antropologia, falei sobre o tema da africanidade, inspirado em meu livro A Cor da Africanidade. A sala estava cheia, e o olhar atento dos estudantes revelava mais que curiosidade — era sede de reencontro com as próprias origens. Iniciei lembrando que a africanidade não é um adjetivo, mas uma presença viva no modo de ser, de criar e de sonhar.

— Professor — perguntou uma jovem de olhar profundo — o que é, afinal, ser africano no mundo de hoje?

Sorri, deixando o silêncio amadurecer entre nós, e

respondi:

— Ser africano é guardar na pele a cor da memória e no coração a luz da esperança.

A sala silenciou, e naquele instante percebi que as palavras não me pertenciam mais — eram da história que nos une.

Na Faculdade de Relações Internacionais, levei uma proposta que nasceu do diálogo entre língua e identidade: sugeri o uso do prefixo "Ango-" para designar relações bilaterais e multilaterais que envolvam Angolema e outros países. Expliquei que a língua portuguesa, tão rica em matizes, carecia de um elemento que nomeasse, com orgulho e pertencimento, os vínculos do país com o mundo.

— Se dizemos luso-brasileiro ou hispano-americano, por que não ango-brasileiro, ango-francês, ango-chinês?, — perguntei ao auditório.

O murmúrio que percorreu a sala foi seguido de aplausos.

A proposta, embora linguística, tinha raízes mais profundas: era um gesto de afirmação cultural e diplomática,

um modo de dizer ao mundo que Angolema não é apenas receptora de relações, mas formadora de identidades, criadora de significados.

Já na Faculdade de Direito, a solenidade da aula magna trouxe outra emoção. O tema — O Trabalho como Direito Humano: uma defesa da imprescritibilidade do trabalho digno — foi recebido com respeito e fervor intelectual. Argumentei que o trabalho digno, sendo expressão da própria dignidade humana, deve integrar o núcleo essencial dos direitos fundamentais, sem sujeição à prescrição temporal.

Defendi que a prescrição trabalhista, ao limitar no tempo a reparação do direito violado, afronta a natureza imprescritível da dignidade.

Um professor levantou-se e disse, com voz embargada:

— Hoje, nesta universidade, não ouvimos apenas uma conferência. Ouvimos uma causa.

Aquela frase ecoou em mim por muitos dias.

Dias depois, a Academia Real de Letras de

Angolema abriu suas portas para uma conversa sobre poesia e crítica literária. Falei de como a literatura é o espelho onde uma nação se reconhece — e de como a análise de um poema é também um ato de amor. Usei como exemplo uma obra dos poetas da APL-TO, academia literária que presidi, na qual propus o conceito de "biografia-crônica": um modo de escrever que une o rigor da biografia à fluidez da narrativa poética.

Expliquei aos presentes que a biografia-crônica não descreve apenas fatos, mas pulsa com o ritmo humano das emoções e das memórias.

Um jovem escritor levantou a mão e perguntou:

— E como se reconhece uma biografia-crônica?

Respondi:

— Quando ela é lida com o coração antes de ser compreendida pela mente.

O silêncio que se seguiu foi mais eloquente que qualquer aplauso.

Essas experiências marcaram profundamente minha passagem por Angolema. Em cada auditório, percebi

que ensinar é também aprender; que cada palavra lançada ao vento encontra eco nas almas que desejam compreender o mundo e a si mesmas. Saí de cada palestra com a certeza de que o conhecimento, quando compartilhado com respeito e emoção, torna-se uma forma de comunhão — e que, na terra da esperança, o saber floresce como uma árvore de sombra generosa.

Angolema me ensinou, naquele circuito de ideias e vozes, que pensar é um ato político e amar é um ato intelectual. E que ambos, juntos, são a verdadeira essência da educação — uma chama que, ao iluminar o outro, jamais se apaga.

A JUSTIÇA E O JULGAMENTO DE MWANGA TSHIBANDA



O vigoroso pulso de Angolema, uma nação que se orgulhava de sua ética e transparência, foi abruptamente testado quando os ventos de um escândalo político começaram a soprar pela capital Feka Yetu. A notícia se espalhou rápido, como fogo em palha seca: Mwanga Tshibanda, o ministro da economia, um dos principais nomes do governo, fora acusado de corrupção durante uma importante negociação internacional. O choque foi profundo, pois Angolema sempre se colocou como um exemplo de justiça e integridade no continente. A incidência desse episódio trazia à tona uma questão crucial: como uma nação tão jovem e íntegra reagiria frente a uma crise que poderia abalar seus alicerces?

Tudo começou durante a negociação para a exportação de café da safra nacional. O país mantinha contratos importantes, e Mwanga, como líder da pasta econômica, conduzira as tratativas com uma delegação francesa. Tudo parecia dentro dos conformes até que auditorias internas revelaram irregularidades — o ministro havia autorizado uma comissão indevida, uma comissão

que rendeu a ele benefícios pessoais e financeiros, sem aprovação oficial do governo. A venda de 10 mil sacas de café, cujo preço oficial era fixado em R$ 2.621,78 a saca, fora fechada a R$ 2.800,00 cada, com o excedente de mais de R$ 178 mil convertido em comissão clandestina, totalizando aproximadamente R$ 2,8 milhões desviados.

Ao receber essa notícia, o presidente Amara Kambale não demorou nem um instante para agir. Recordei quando nos reencontramos, e ele revelou seus sentimentos diante do golpe que aquele ato representava: uma traição à confiança do povo e uma ameaça à reputação construída com tanto esforço. Amara, conhecido por sua firmeza e ética intransigente, convocou uma investigação rigorosa, transparente e pública, abrindo espaço para que a Justiça cumprisse seu papel sem interferências políticas.

O processo foi conduzido com a máxima lisura, recebendo ampla cobertura da imprensa local e internacional. O tribunal estava montado no coração da capital, e as audiências foram abertas ao público, numa demonstração inequívoca de que em Angolema ninguém está acima da

lei. Entrevistas, depoimentos, análises documentais e perícias minuciosas pontuavam os dias de julgamento, e o ministro Mwanga, até então um nome respeitado, teve sua figura exposta com todas as nuances, em um cenário que misturava drama, tensão e, principalmente, judicialização da ética pública.

Assistir ao julgamento foi uma experiência única, quase solene. O Ministério Público apresentou provas irrefutáveis: registros bancários, trocas de mensagens e documentos oficiais confirmavam o esquema. Mwanga tentou justificar a comissão como uma "prática comum" em negociações internacionais, mas enfrentava a barreira intransponível da legislação angolemana, que repele qualquer abuso e exige transparência absoluta dos gestores públicos. As defesas apresentadas soaram frágeis diante da clara demonstração de que a Lei era igual para todos, um princípio fundamental que Angolema buscava consolidar como base de sua construção social.

Na sala do tribunal, o presidente Amara Kambale esteve presente em várias sessões — não para interferir, mas para afirmar sua posição enquanto líder e guardião dos

valores nacionais. Em um dos momentos mais marcantes da audiência, ele declarou com voz firme, que ecoou para além das paredes daquela sala:

— Este ato não é apenas ilegal, é uma traição à confiança do povo. Nosso julgamento exemplar serve de aviso: nenhum gestor público está acima da lei. A integridade é a base da nossa nação, e qualquer desvio será combatido com rigor e transparência.

A condenação de Mwanga Tshibanda veio, portanto, como um marco indelével. Além de ser obrigado a devolver o montante desviado, ele recebeu multas pesadas e sofreu a proibição de exercer cargos públicos, cumprindo também uma pena que refletia a gravidade de seu erro. Essa decisão, longe de ser mera punição, representava a reafirmação da justiça e da vontade coletiva de Angolema, que preferia enfrentar seus desafios de frente a permitir que a corrupção corroesse suas fundações.

No rescaldo daquela tempestade política, percebi que, paradoxalmente, a imagem do país não havia sido abalada; ao contrário, ela se fortaleceu. A população viu com olhos atentos a determinação do governo em manter a

transparência, o que gerou um fortalecimento da confiança nas instituições. Em conversas que tive nas ruas de Feka Yetu, ouvi pessoas expressando orgulho pela atuação firme do presidente e pela clareza do processo judicial. Esse episódio singular se tornou um exemplo internacional, mostrando que é possível ser contra a corrupção e ao mesmo tempo preservar a dignidade do Estado.

A imprensa nacional não esqueceu de destacar também a postura exemplar da sociedade civil, que cobrou responsabilidade sem abrir mão do respeito às leis e à presunção de inocência. Organizações não governamentais, jovens ativistas e líderes comunitários uniram-se para promover debates públicos e fortalecer mecanismos de controle social. Essa mobilização foi fundamental para consolidar a cultura ética que Amara sempre defendera.

Ao refletir sobre tudo isso, recordei uma conversa com o próprio presidente, onde ele destacou que a transparência é o cimento da democracia verdadeira. “Não podemos nos permitir fraquezas”, comentou ele, “mas também não podemos nos esconder atrás de discursos vazios de combate à corrupção. O que fazemos aqui é o

real, o palpável — um governo feito por pessoas que sabem que sua missão maior é servir o povo com honestidade e entrega."

O julgamento de Mwanga Tshibanda entrou para a história de Angolema como um símbolo de ética, justiça e resiliência. A firmeza do presidente Amara Kambale e a reação determinada da sociedade deixaram uma lição para todo o continente: o combate à corrupção começa pela honestidade interna, pelo compromisso individual dos líderes e por um sistema judicial sólido, transparente e acessível.

Enquanto o sol se punha sobre a capital Feka Yetu naquele dia em que o veredito fora anunciado, eu sentia a esperança renovada de que Angolema continuaria seu caminho de prosperidade e justiça, guiada por princípios firmes e pela coragem de enfrentar seus próprios fantasmas. Porque mais do que nunca, aquela terra jovem e promissora mostrou ao mundo que a justiça não é uma promessa vazia, mas sim uma prática diária. E assim, o escândalo que poderia ter derrubado a nação, tornou-se sua maior afirmação.


O AMOR QUE SUSTENTA A NAÇÃO

Havia algo na quietude do palácio presidencial de Feka Yetu que ia além do protocolo e da solenidade das altas esferas do poder; era uma atmosfera carregada de afeto genuíno e cumplicidade silenciosa. Passei dias privilegiados ali, e foi impossível não perceber que, por trás das decisões que moldavam o destino de Angolema, existia um elo profundo que sustentava não apenas a liderança, mas a própria alma da nação: o amor entre o presidente Amara Kambale e sua esposa, Elena Morozova. Essa união, que transcende fronteiras e culturas, é um farol que ilumina a complexidade e a beleza do país, um símbolo vivo da esperança e da compaixão.

Elena chegou a Angolema vinda da Sibéria oriental, da fria e distante Rússia, trazendo consigo traços marcantes: cabelos lisos e escuros, olhos amendoados que refletiam serenidade e determinação, e uma pele clara que parecia irradiar uma calma quase hipnótica. Estudou medicina na famosa Academia de Ciências Wilhelm Pieck, na então Alemanha Oriental, uma instituição onde também passamos, anos atrás, pelo rigor dos estudos científicos e pela busca inexorável por conhecimento. Mas se Amara

encontrou ali sua força na arte da pilotagem e no rigor moral, Elena dedicou-se apaixonadamente à medicina, construindo um caminho pautado no cuidado do outro e no compromisso social.

Desde que chegaram a Angolema, o casal presidencial personificou a união entre diversidade e propósito. Elena não se acomodou à vida luxuosa transcorrendo nos corredores do poder; ao contrário, vestindo seu jaleco hospitalar, tornou-se voluntária incansável dos serviços médicos públicos, atende semanalmente em clínicas populares, especialmente nas regiões mais carentes, onde a saúde ainda é um bem a ser conquistado a cada dia. Vi com meus próprios olhos o brilho em seus olhos quando ela falava do trabalho diário, do sorriso que dava ao aliviar sofrimentos, da gratidão que recebia sem nunca cobrar um centavo. Para tantos angolemanos, ela era mais que médica; era um símbolo de humanismo e esperança.

Durante minha estadia no palácio, tive inúmeras ocasiões para conviver com o casal, e pude perceber que a relação deles ultrapassa o cotidiano comum, tocando as dimensões mais íntimas da parceria humana. Vi-os

caminhar juntos pelos jardins de árvores nativas, discutindo políticas públicas de saúde e educação, mas também se perderem em conversas mais leves e revigorantes, onde o riso se fazia presente e os pequenos gestos, como o toque na mão ou o olhar cúmplice, falavam com mais eloquência que as palavras. Era a imagem da harmonia possível entre povos diferentes que se unem não só pelo afeto, mas pelo compromisso com o bem coletivo.

Amara falou-me certa vez sobre como encontrar Elena mudou sua perspectiva, trazendo equilíbrio para os desafios intermináveis que enfrentava como líder. “Ela é minha âncora, a luz que me guia quando os ventos são contrários. O amor nos fortalece para seguir firmes”, confidenciou. Elena, por sua vez, impressionava pela mistura de ternura e força — uma mulher que, com discrição e presença, inspira os profissionais de saúde e os cidadãos, mostrando que o cuidado médico pode ser também um gesto de resistência e solidariedade.

Essa parceria, tão sincera e efetiva, tinha reflexos palpáveis no país. A saúde pública, que antes enfrentava desafios típicos do continente, vinha recebendo injeções

de inovação e dedicação, com programas que priorizam o acesso universal, prevenção e atenção comunitária. Elena lidera campanhas que incentivam a formação de jovens médicos locais, estimulando-os a abraçar a causa do serviço público com a mesma paixão que ela. Sua imagem, assim como Amara, é respeitada e amada — uma representação viva de como o amor pode alimentar a transformação social.

O casal presidencial também simboliza a riqueza da diversidade cultural de Angolema. A união entre Amara, um filho da terra umbunda, e Elena, uma mulher da Rússia oriental, traduz a essência da nação jovem: um país que abraça múltiplas heranças sem perder de vista seu próprio centro. Esse encontro de mundos revela-se não apenas na vida pessoal, mas nas políticas que promovem a inclusão social, o respeito à pluralidade e a valorização do diálogo entre povos e saberes.

Durante um jantar informal no palácio, pude ouvir conversas que fluíam entre línguas diversas — português, umbundo, russo, francês — e a hospitalidade calorosa que envolvia amigos, conselheiros e estudantes locais. Ali, entre histórias pessoais, planos para o futuro e risadas

compartilhadas, compreendi que aquela união era uma metáfora viva para Angolema: uma nação construída na base da esperança, da diversidade e, acima de tudo, do amor generoso.

O amor de Amara e Elena, portanto, não é somente um sentimento reservado ao âmbito privado; é uma alavanca poderosa que move projetos de vida, políticas públicas e transforma o cotidiano da população. Eles são um modelo sublime, não apenas para os habitantes de Angolema, mas para qualquer sociedade que almeje construir um mundo mais justo e humano.

Em meus momentos finais naquela casa, olhando para o casal que me acolheu com tanto carinho, senti que aquela energia compartilhada, feita de compromisso e cuidado mútuo, é um dos grandes alicerces da força de Angolema. Um amor que cura, que sustenta, que inspira — uma lição para todos nós. Porque, no fim das contas, é esse amor, tecido com respeito e generosidade, que verdadeiramente sustenta uma nação.

O DIA A DIA DA CAPITAL FEKA YETU



Caminhar pelas ruas de Feka Yetu era como mergulhar no pulsar vibrante de uma cidade que respirava esperança a cada esquina. A capital de Angolema, com suas avenidas limpas, arborizadas e cuidadosamente planejadas, ostentava um ritmo próprio — uma mistura harmoniosa entre a serenidade cultural e a energia de uma nação em pleno crescimento. Em cada recanto, o fio invisível do respeito pela tradição e o compromisso com o futuro se manifestava de formas simples, mas poderosas.

O gesto cotidiano que mais me chamou a atenção logo nos primeiros dias foi a maneira como os habitantes se cumprimentavam. Inspirada na acolhedora cultura japonesa, uma leve inclinação de cabeça acompanhava todo encontro — não importava se era entre amigos, familiares ou simples conhecidos — e conferia um tom de gentileza discreta, transmite uma reverência silenciosa que dizia muito mais do que palavras poderiam expressar. Essa prática de respeito e humildade inundava a cidade, moldando uma convivência pacífica e solidária entre todas as classes sociais.

Nas escolas públicas e privadas, o quadro resumido daquela cidade pulsava pleno de vida. As crianças, com rostos

alegres, circulavam entre as salas bilíngues, cabisbaixas com seus livros de português e umbundo, ora recitando poemas ora compartilhando palavras em inglês e francês — línguas que desde cedo se fazem parte do cotidiano escolar. O sorriso espontâneo e a curiosidade cintilante desses pequenos revelavam uma geração apaixonada pelo conhecimento e comprometida a manter vivas suas raízes enquanto abria portas para o mundo. Foi emocionante acompanhar uma aula de ciências onde meninos e meninas, divididos em grupos, realizavam experimentos sobre energia renovável, estimulados pela professora que vinha da França e tornava cada explicação numa celebração da descoberta.

Logo conheci Paulo, um jovem estudante que já carregava nos olhos o brilho dos sonhadores. Aspirante a biotecnólogo, seu maior desejo era desenvolver tecnologias que alavancassem o uso de energia limpa em Angolema, trabalhando para que o país continuasse no caminho da sustentabilidade que tanto o orgulhava. Conversar com ele era assistir ao futuro que se desenha nas mentes jovens, repletas de esperança e talento, energia transformada em

propósito. Paulo, com sua fala determinada, me contou dos projetos que liderava junto a colegas e professores, muitos deles internacionais, e do orgulho que sentia em usar a ciência para proteger "essa nossa terra linda".

Mas a beleza da cidade ia muito além das escolas e dos cientistas promissores; era na vida cotidiana das famílias que a prosperidade do país se mostrava em sua forma mais palpável e verdadeira. Mara, uma mãe de família que conheci em um mercado local, representava tudo o que Angolema buscava assegurar a seus cidadãos. Com dois filhos na escola e um pequeno comércio de artesanato tradicional, ela confessou que a distribuição anual e justa de 5.000 macutas, recursos que o governo repassa como dividendo da riqueza mineral, minguava as preocupações que antes a acompanhavam diariamente.

— "Esses valores são a diferença", explicou ela enquanto embalava com delicadeza uma cesta de frutas. — "Eles me permitem garantir alimentação, roupas, e até pagar uma aula de reforço para meu filho mais velho. Isso faz uma grande diferença em nossa vida."

Mara não era exceção, mas sim a representatividade

viva do impacto positivo daquela política econômica que garantiu segurança e dignidade a tantas famílias em Angolema, diluindo as antigas desigualdades e construindo uma sensação geral de estabilidade social. Ao caminhar por bairros residenciais limpos e coloridos, via moradores conversando nas calçadas, crianças brincando com segurança e idosos usufruindo dos espaços públicos decorados com flores e esculturas artesanais, aquecendo o coração pela imagem de uma cidade cheia de vida e pertencimento.

Outro traço marcante de Feka Yetu era a sensação quase palpável de paz que permeava o ar. A segurança pública era eficiente e humana, armada não só com policiamento moderno, mas também com programas que buscavam a prevenção social — investindo em cultura, educação e empregabilidade para reduzir as margens de violência. A praça principal, onde famílias e jovens se reuniam ao fim da tarde, mostrava essa harmonia em seu melhor formato: crianças corriam livres, vendedores ambulantes conversavam com os frequentadores, enquanto músicos locais tocavam harmoniosas melodias que celebravam a

alegria e a identidade angolemana.

A infraestrutura também espelhava a qualidade de vida da população. Ruas asfaltadas, iluminação pública eficiente alimentada por energia solar, transporte coletivo silencioso e tubos de coleta de água pluvial que mantinham as calçadas livres de enchentes refletiam o progresso sustentável que guiava a cidade. Os mercados e feiras, locais de exuberância cultural e comercial, reuniam produtos locais e importados, mostrando o equilíbrio entre a autenticidade da terra e a conectividade global.

Nas pequenas refeições compartilhadas ao longo dos dias, pude perceber como as pessoas valorizavam a mixagem entre costumes tradicionais e hábitos modernos. O uso de ingredientes nativos, como o amendoim, o quiabo e o feijão-fradinho, era valorizado ao lado de pratos trazidos pelas influências estrangeiras, uma síntese da riqueza cultural que o tempo e a abertura do país propiciaram.

Seguindo essa vivência cotidiana, testemunhei a chegada de jovens a centros comunitários, onde projetos sociais incentivavam o empreendedorismo, o esporte e as artes. Era encorajador ver como o ambiente de Feka

Yetu cultivava em seus filhos um senso de pertencimento, cidadania e desejo de construir um país cada vez melhor, respaldados por uma estrutura sólida e por oportunidades reais.

Ao final de um dia intenso, comandado pelo céu alaranjado que tingia o horizonte africano, Sentei-me numa praça sob o ramos generosos do imbondeiro, observando o vai-e-vem tranquilo da cidade que pulsa cheia de vida e esperança. Aquela sensação de segurança, prosperidade e progresso era mais do que números e políticas; era um sentimento coletivo que unia o povo — o orgulho de quem construiu uma realidade em que o respeito, a justiça e o trabalho caminham juntos.

E ali, sentindo o calor humano misturado à brisa fresca do entardecer, eu sabia que as ruas de Feka Yetu não apenas contavam histórias de sucesso, mas inspiravam sonhos — de crianças, de jovens como Paulo, de mães como Mara e de todos aqueles que fazem dessa capital uma joia preciosa da África moderna.

CULTURA E LITERATURA: VOZES DA ALMA ANGOLEMANA



Nos corredores da Universidade Nacional de Angolema, entre livros e debates acalorados, conheci Henrique — um jovem estudante que personificava a paixão pela cultura e pela literatura que permeiam o espírito angolemano. Henrique era aluno de Ciências Humanas, mas seu verdadeiro fascínio residia na história, na ancestralidade e no poder das palavras para conectar mundos distantes. Foi justamente ele quem me apresentou o livro "A Cor da Africanidade", uma obra escrita por Portelinha, um renomado autor angolano cuja voz literária ecoava muito além das fronteiras de seu país.

Sentamo-nos juntos em uma biblioteca iluminada por amplas janelas que deixavam entrar a luz natural, e Henrique me falou com entusiasmo sobre o impacto da obra. "Este livro — dizia ele — é uma ponte entre Angola e o Brasil, entre passado e presente; é uma celebração da mãe preta que amamentou culturalmente o Brasil". O autor, Portelinha — nome literário de Ndala Tchacussugãma — é um catedrático que estuda as raízes africanas da cultura brasileira, mostrando com maestria como as conexões

entre esses dois mundos resistem ao tempo e à distância, atravessando gerações e fronteiras.

Henrique contou que "A Cor da Africanidade" se tornou um fenômeno que influencia não só estudantes e acadêmicos, mas também o público em geral, ao trazer uma reflexão profunda sobre identidade, pertencimento e resistência cultural. A obra revive narrativas esquecidas e esclarece o papel fundamental que Angola e outros países africanos tiveram na formação da história política, social e cultural do Brasil. Era uma leitura que despertava orgulho e questionamentos, com o poder de transformar a percepção própria e a forma como se vê o outro.

Fiquei intrigado e interessado, e Henrique, com a paixão típica dos jovens que acreditam na força das palavras, contou que Portelinha fora convidado para palestrar em Feka Yetu, encantando plateias com seu conhecimento e sua eloquência. A recepção entusiástica não foi apenas um ato acadêmico; foi a celebração de uma aproximação afetiva entre povos que, apesar das distâncias, compartilham uma ancestralidade comum. O autor também aceita o convite

para ser professor visitante na Universidade Nacional de Angolema, abrindo novas possibilidades para intercâmbios e cooperação intelectual entre os dois países.

Essa dinâmica, segundo Henrique, é vital para a construção da identidade cultural angolemana, que não se fecha em si mesma, mas se abre para o diálogo com a diáspora africana e outras culturas do mundo. A literatura, nesse sentido, torna-se muito mais do que arte: assume um papel socio-histórico e pedagógico, ajudando a forjar consciências críticas e conectadas com as suas raízes. É a palavra transformando-se em ferramenta de liberdade e reconhecimento.

Conversamos sobre o poder das narrativas e sobre como a literatura pode ser um instrumento para fortalecer laços intergeracionais, especialmente em sociedades que, como Angolema, atravessaram episódios dolorosos de colonização e resistência. Henrique me relatou a empolgação dos estudantes quando têm acesso a obras que retratam suas próprias histórias e culturas, uma forma de resgatar o orgulho e a autoestima coletiva que muitas vezes

são ameaçados pela invisibilidade histórica.

Na biblioteca, rodeados por estantes recheadas de livros em português, umbundo e até em línguas estrangeiras, Henrique ressaltava a importância de manter viva a diversidade de idiomas e perspectivas, enquanto se firmava no conhecimento global. Para ele, a kanji da alma angolemana — sua essência — é essa capacidade de se reconhecer na pluralidade e trazer à tona sua voz com autenticidade.

Ao longo do dia, tive ainda o privilégio de encontrar Portelinha pessoalmente. Um homem de fala firme, olhar profundo e sorriso generoso, que nos recebeu com o calor típico dos filhos da terra. Em sua presença, senti a força de um povo que não apenas sobreviveu às adversidades, mas que soube transformar a dor e a perda em criação. Em nossas conversas, ele enfatizou seu compromisso com a educação e a cultura como caminhos para a emancipação verdadeira. Conte-me como seu trabalho na Universidade Federal do Tocantins, no Brasil, tem sido uma ponte para conectar comunidades e fortalecer vínculos culturais, e

como agora esse novo capítulo em Angolema significa para ele um retorno às origens, uma afirmação de pertencimento e renovação.

A literatura, concluí, é uma língua universal da alma, capaz de atravessar mares e continentes, de unir o passado ao presente e de trançar em suas páginas as vozes e sonhos de povos que compartilham uma história comum. Em Angolema, essa força é sentida em cada parágrafo lido, em cada palavra recitada durante festas e eventos, em cada discussão nos corredores da universidade que busca construir um país consciente e culturalmente rico.

Essa troca fecunda entre Angola e Brasil, simbolizada por Henrique, Portelinha e tantos outros amantes das letras, é uma declaração de que as identidades culturais não são estanques, mas fluidas, dinâmicas e cheias de possibilidades. Elas são raízes e asas ao mesmo tempo, permitindo que o povo angolemano sonhe alto sem perder jamais a conexão com sua alma ancestral.

Ali, na Universidade Nacional de Angolema, entendi que a voz da literatura é essencial para a construção

de uma nação que sabe quem é, de onde veio e para onde quer ir, celebrando suas raízes e abrindo seus braços para o mundo. E essa voz ressoa como um hino vibrante, ecoando no coração de cada angolemano e inspirando gerações a seguirem firmes, conscientes e orgulhosas da ancestralidade que carregam.


CONSELHO DE MINISTROS: DEMOCRACIA
E PARTICIPAÇÃO ATIVA

O sol acabava de iniciar sua descida no horizonte quando cheguei ao edifício que abriga o Conselho de Ministros de Angolema, sede de um dos momentos mais importantes da democracia viva que pulsa naquele país jovem e vibrante. O ambiente refletia a seriedade e o compromisso de uma administração que não se contentava com decisões unilaterais ou discursos vazios. Ali, sob a liderança firme e serena do presidente Amara Kambale, se desenrolava uma verdadeira prática de governança democrática, baseada na transparência, na justiça social e na sustentabilidade, princípios que imprimiam a marca do futuro que Angolema deseja construir.

Amara, sempre pontual e atento, conduzia as reuniões com maestria. Ao seu redor, integrantes do Conselho — ministros, conselheiros técnicos, representantes da sociedade civil e especialistas convidados — compartilhavam o espaço num diálogo aberto, onde a palavra de cada um tinha peso e influência. A pluralidade de opiniões transformava esses encontros em verdadeiros laboratórios de soluções, ambientes ricos em debates

acalorados, mas sempre pautados pelo respeito e pela busca coletiva do bem comum.

Naquela tarde, os temas centrais giravam em torno do fortalecimento das políticas públicas de energia limpa, a segurança alimentar das populações das zonas rurais e a preservação cultural diante das mudanças aceleradas da modernidade. Cada ministro apresentava dados atualizados, dificuldades encontradas e propostas inovadoras, e Amara mediava com atenção redobrada, incentivando que todos os lados fossem ouvidos e ponderados. O processo era lento, meticuloso, mas carregado de propósito.

Lembro-me particularmente da intervenção de Eni, ministra do Meio Ambiente, que destacou a urgência de ampliar os investimentos em energias renováveis, equilibrando o crescimento econômico com a preservação da biodiversidade. “Não podemos sacrificar nosso santuário natural em nome do progresso; nosso compromisso é garantir que as próximas gerações respirem o mesmo ar puro que temos hoje”, afirmou com convicção. Sua fala estimulou a participação do ministro da Economia, que

sugeriu uma revisão do orçamento para priorizar projetos verdes e reforçar a educação ambiental.

Em outro momento, Nyala, conselheira representante das comunidades indígenas, trouxe à discussão a importância de garantir participação efetiva dessas populações nos processos decisórios. Sua voz, firme e esclarecedora, recordava que a verdadeira democracia se assentava no reconhecimento das diversidade e no respeito a todos os grupos étnicos do país. “Nossa cultura, nossas vozes não são secundárias; somos parte essencial da construção do futuro angolemano”, enfatizou, suscitando consenso e reflexão profunda entre os presentes.

O presidente Amara, com seu estilo conciliador, dava espaço para questionamentos e sugestões, e não hesitava em pedir esclarecimentos técnicos ou sugerir que se buscassem soluções conjuntas, muitas vezes integrando saberes científicos e tradicionais. O debate deixava claro o quanto o modelo político adotado valorizava a transparência e a participação ativa — uma democracia que não apenas existia no papel, mas se fazia pulsar em atos concretos.

Era evidente que, mais do que um governo, aquele Conselho representava um espaço de escuta e construção coletiva. Cada reunião terminava com a definição clara de metas, a designação de responsabilidades e abertura para feedback contínuo, numa dinâmica que fortalecia não só as políticas públicas, mas também a confiança da população na capacidade do Estado de responder de forma eficaz e justa às demandas da sociedade.

No intervalo, conversando com alguns conselheiros, percebi o orgulho e o comprometimento que sentiam com o papel desempenhado. A transparência e a ética não eram tópicos abstratos, mas compromissos vivos inscritos no dia a dia, incentivados pelo presidente e por uma cultura governamental que alimenta a participação cidadã em todas as esferas. Deputados locais, representantes dos movimentos sociais e líderes comunitários frequentemente eram convidados para sessões especiais, reforçando o caráter inclusivo do sistema.

Essa sinergia entre governo e sociedade civil criava uma rede dinâmica e resiliente, capaz de adaptar-se

rapidamente às mudanças e desafios, mantendo-se firme em seus valores. As decisões tomadas refletiam não apenas interesses políticos, mas, sobretudo, o anseio por justiça social, sustentabilidade e progresso pautado pelo respeito à diversidade.

Ao findar daquela sessão, observei o semblante tranquilo e confiante de Amara. Seus olhos carregavam o brilho de quem sabe que liderar não é impor, mas ouvir, dialogar e construir com pluralidade e honestidade. Era a face viva de uma democracia jovem que se improvisa a cada dia, aprendendo com seus erros e conquistando adesão popular pelo exercício genuíno da governança.

Saindo do prédio imponente, sob o céu estrelado de Angolema, senti que presenciar aquele Conselho de Ministros foi absorver um dos segredos maiores do país — sua capacidade de fazer da democracia não um privilégio restrito, mas uma jornada coletiva, onde a igualdade, a transparência e a participação são as forças que impulsionam a nação rumo a um futuro próspero e justo. Um verdadeiro exemplo para o continente e para o mundo.

OS DESAFIOS DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL



Angolema ergue-se hoje como uma potência emergente na África, uma nação que ostenta riquezas minerais e uma natureza exuberante, mas também como um símbolo de esperança diante dos dilemas complexos do desenvolvimento sustentável. Nem sempre o caminho foi fácil para esse jovem país, que teve de enfrentar o desafio incessante de conciliar o avanço econômico com a conservação ambiental — uma tarefa árdua que muitos ao redor do mundo ainda enfrentam. Meu olhar atento e as conversas que mantive com governantes, cientistas e comunidade local me revelaram o quanto Angolema tem inovado e liderado com coragem e criatividade nessa difícil jornada.

A riqueza mineral — cobre, coltan e lítio — é a base econômica que impulsiona o crescimento nacional. Contudo, a extração desses recursos tradicionalmente traz multas ambientais e riscos irreversíveis ao ecossistema. Angolema, porém, adotou uma postura que vai na contramão do modelo exploratório predatório histórico. O governo investiu pesado em tecnologias limpas e processos

sustentáveis que, aliados a uma rígida legislação ambiental, limitam os impactos negativos. Durante uma visita a uma mina de lítio responsável, testemunhei com admiração os cuidados na liberação controlada de resíduos e a recuperação ambiental das áreas degradadas — tudo monitorado em tempo real por satélites e sensores ligados diretamente à central de controle em Feka Yetu.

Mas o desenvolvimento não se restringe ao aspecto tecnológico. O verdadeiro diferencial que torna Angolema um modelo pioneiro é a participação ativa da sociedade em todas as etapas. Organizações comunitárias, associações locais e conselhos ambientais têm voz e poder decisório na gestão dos recursos naturais. As audiências públicas são eventos tradicionais, onde agricultores, indígenas e especialistas discutem e propõem políticas ambientais — um exercício vigoroso de democracia participativa que faz parte da cultura política do país. Essa integração entre governo e povo cria um equilíbrio orgânico, garantindo que o progresso econômico respeite a diversidade e os espaços naturais.

O sistema educacional do país prepara as gerações futuras para essa realidade. Crianças já crescem conscientes do valor do meio ambiente, aprendendo desde cedo sobre energias renováveis, reutilização de recursos, preservação da flora e fauna locais. A educação, como vi nas escolas bilíngues, não é apenas uma transmissão de conhecimentos acadêmicos, mas um processo de formação ética e cultural que prepara jovens como Paulo — o apaixonado biotecnólogo que sonha em revolucionar o setor energético — para serem protagonistas dessa transformação sustentável.

Outro aspecto fundamental é o reconhecimento das tradições ancestrais como elementos-chave para essa equação. As comunidades locais mantêm práticas tradicionais de manejo da terra, agricultura e uso equilibrado dos recursos naturais que são ensinamentos valiosos para a sustentabilidade. Projetos que conectam a ciência moderna com esses saberes empíricos resultam em soluções inovadoras e respeitosas com a cultura, um exemplo prático de como o velho e o novo podem dialogar harmoniosamente.

Contudo, não faltam desafios e pressões. A rápida urbanização de Feka Yetu e outras cidades, o aumento da demanda por energia e infraestrutura, e as inevitáveis tensões entre o crescimento econômico e as limitações ambientais colocam em constante teste a habilidade do governo e da sociedade em manter o equilíbrio. Nas reuniões do Conselho de Ministros, presenciei debates intensos entre ministros da economia, meio ambiente e infraestrutura, tentando ajustar políticas que possam acelerar o desenvolvimento sem comprometer os ecossistemas frágeis. A busca por soluções sustentáveis é uma maratona, não uma corrida de velocidade.

Mais do que isso, a questão da justiça social também é inseparável do desenvolvimento sustentável. Em Angolema, a inclusão social e a distribuição justa da riqueza são vistas como parte integrante da preservação do meio ambiente. O sistema dividendário que garante uma renda anual para cada cidadão — fruto da exploração responsável dos recursos minerais — é um instrumento que distribui os frutos do progresso de forma equânime, contribuindo para

a redução da pobreza e promovendo uma maior consciência coletiva sobre o valor do território e da natureza.

Essa abordagem integrada tem atraído a atenção não só no continente africano, mas no cenário global. Angolema tem sido convidada para compartilhar suas experiências em fóruns internacionais de meio ambiente e desenvolvimento sustentável, sendo um exemplo vivo de que é possível encontrar caminhos alternativos ao modelo consumista e degradante que levou muitos países à crise ecológica atual. A participação ativa da população, o respeito às tradições e a incorporação da ciência de ponta mostram que é sim possível conciliar crescimento e conservação.

Senti em cada passo dessa jornada que Angolema está escrevendo uma história diferenciada, uma narrativa que desafia as expectativas e impõe respeito pelo modo como aborda os problemas complexos da contemporaneidade. Eu me vi emocionado durante uma cerimônia anual de plantio de árvores, onde dezenas de crianças, representantes das comunidades locais e membros do governo cavavam a terra juntos, simbolizando a esperança compartilhada, regando

promessas que florescerão para as próximas gerações.

A verdade é que não existem fórmulas mágicas; os desafios serão sempre muitos e as dificuldades constantes. Mas o exemplo angolemano ensina que o caminho passa pela ética, pelo diálogo aberto e pela ação conjunta entre todos os setores da sociedade. O progresso não precisa ser inimigo da natureza, e o meio ambiente não pode ser visto como obstáculo ao desenvolvimento. Em Angolema, essas duas forças encontram no equilíbrio uma fonte inesgotável de energia para avançar.

Enquanto o sol se punha sobre as savanas que preservam os animais e iluminava a extensão dos campos solares espalhados pelo país, acordei para a convicção de que aquela nação jovem é uma bússola — um farol que aponta para um futuro em que a humanidade e o planeta caminham juntos, numa dança harmoniosa que reverbera além das fronteiras, inspirando esperança para todos nós.

A MULHER EM ANGOLEMA: BELEZA E CULTURA



Ao desembarcar em Feka Yetu, a próspera capital de Angolema, fui imediatamente impressionado pela presença marcante das mulheres que permeavam a vida da cidade — não apenas pela beleza exótica e singular que exibiam, mas pela força vibrante e inteligência que emanavam em cada gesto, em cada olhar. A beleza das angolemanas é, sem dúvida, algo de rara delicadeza: traços harmoniosos, cabelos negros e sedosos que desfiavam em ondas esplendorosas, e olhos expressivos que carregam histórias profundas — um reflexo da ancestralidade rica e múltipla do país. Mas o que realmente definia a mulher angolemana era sua relevância ativa no tecido social, cultural e econômico da nação, uma verdadeira força motriz do desenvolvimento e da transformação.

No centro dessa constelação de mulheres inspiradoras está Elena Morozova, médica russa e esposa do presidente Amara Kambale. Elena representa a síntese ideal do que significa empenho social aliado à compaixão profunda. Mais do que uma profissional renomada, ela é um exemplo vivo da solidariedade que norteia a saúde pública

angolemana, dedicando-se incansavelmente a atender gratuitamente os mais necessitados do país, especialmente nas áreas remotas e carentes. Sua imagem forte, porém serena, inspira dezenas de jovens médicas e enfermeiras a seguirem seus passos, consolidando um legado que ultrapassa gerações.

Mas a influência das mulheres em Angolema não se limita ao campo da medicina. No universo acadêmico, elas lideram pesquisas inovadoras que vão da biotecnologia à antropologia, desempenham cargos de destaque e participam ativamente do desenvolvimento científico do país. A presença feminina é muito perceptível nas universidades, nos laboratórios e nos centros de decisão, onde a voz delas é ouvida e respeitada, moldando políticas públicas e inspirando mudanças reais. Mulheres como Amina, a jovem socióloga que investiga as transformações sociais locais, ilustram essa força intelectual que avança com determinação e autenticidade.

Na cultura, as mulheres angolemanas guardam e preservam a alma do povo por meio das artes, da música e

da literatura. Cantoras de voz potente e poetas com talento sublime mantêm vivas as tradições orais e as línguas locais, como o umbundo, enquanto incentivam a mistura com outras línguas e estilos, criando uma cultura plural e contemporânea. Festivais e cerimônias tradicionais contêm em seu cerne o protagonismo feminino, seja nos rituais de passagem, nas danças ou nas celebrações comunitárias. Elas são as guardiãs das memórias e das histórias que alimentam a identidade coletiva, mostrando que a cultura é uma herança viva não apenas transmitida, mas criada a cada geração.

Nas lideranças comunitárias e políticas, as mulheres ocupam espaços antes restritos, atuando como representantes legítimas que trazem perspectivas diversas e construções democráticas mais sólidas. Programas de capacitação e incentivo têm ampliado a participação feminina nos conselhos municipais, nas organizações da sociedade civil e nos cargos públicos, trazendo para a cena governamental a voz das mulheres que conhecem de perto as necessidades e potencialidades das suas comunidades.

O exemplo de Joséfa, irmã do presidente, revela ainda as nuances delicadas entre o papel público e as emoções pessoais — uma mulher forte, culta e envolvida em sua terra, que simboliza as complexidades e riquezas da presença feminina.

No cotidiano, são elas que sustentam famílias, empreendem negócios locais, cuidam da educação dos filhos e atuam como motoras da economia familiar e comunitária. Vi de perto mulheres gerindo mercados, feiras, projetos sociais e pequenos empreendimentos, mostrando que a força feminina está imersa tanto nas grandes decisões quanto nas pequenas ações diárias que constroem a estabilidade social. Esse protagonismo multifacetado transforma a mulher de Angolema em um símbolo vivo de resistência e evolução.

A influência das mulheres angolemanas também é sentido no cuidado com a natureza e o meio ambiente. Muitas lideram iniciativas de agricultura sustentável, preservação de espécies e educação ambiental comunitária, fortalecendo a relação de respeito entre o povo e a terra que é tão sagrada para eles. Essa delicadeza, aliada à tenacidade,

resulta em ações concretas de conservação que são modelos em todo o continente africano.

No que diz respeito à beleza, certo dia fui levado a um festival cultural onde desfilei junto às mulheres da comunidade. Passear entre elas era caminhar por um universo rico em texturas, cores e histórias. Os tecidos vibrantes que usavam, tecidos com padrões ancestrais misturados a cortes modernos, revelavam uma estética que celebrava a identidade sem abrir mão do diálogo com o contemporâneo. Era possível sentir a festa, a força e a serenidade ali, numa combinação única que encarnava o poder feminino angolemano.

Senti que a mulher em Angolema não é um conceito estático ou uma imagem idealizada, mas um fenômeno em constante movimento — uma fonte vital de cultura, economia, governança e emoção que sustenta o país em suas múltiplas facetas. Suas vozes, dores, vitórias e sonhos entrelaçam-se para formar o tecido social que dá textura à nação, misturando tradição e inovação, raízes e asas.

No fim, ao inalar o ar fresco naquela terra

abençoada, compreendi que a verdadeira força de Angolema está em seus homens e, especialmente, em suas mulheres — verdadeiras protagonistas da história, que, com graça e coragem, escrevem o futuro de um país que se orgulha de ser plural e democrático, belo e justo. A mulher angolemana não é apenas a imagem da beleza física, mas a encarnação real da força e do coração pulsante da nação.

O CONFLITO EMOCIONAL: JOSÉFA E MINHA LEALDADE



A chegada a Angolema trouxera uma série de sensações que eu jamais esqueceria, mas nenhuma delas tão intensa e desafiadora quanto a presença de Joséfa. A irmã do presidente Amara Kambale era a personificação de uma mistura rara entre graça, inteligência e uma beleza sutil que parecia carregar consigo o mistério e a força de sua terra. Desde o primeiro instante em que nos encontramos no palácio presidencial, algo no olhar dela mexeu comigo — uma chama suave, porém insistente, que acendeu um conflito interno profundo, naquele cenário tão carregado de responsabilidades, afinidades históricas e laços pessoais.

Joséfa tinha uma maneira muito particular de me olhar, uma combinação de curiosidade e afeição que não passava despercebida. Suas palavras, sempre delicadas e carregadas de uma ternura discreta, eram acompanhadas por gestos que sutilmente evocavam uma intimidade quase proibida. A convivência no palácio, os momentos compartilhados em conversas ao entardecer, os sorrisos trocados durante os eventos oficiais — tudo isso criava uma dança silenciosa entre nós, um flerte velado de sentimentos

que desafiavam a razão e os limites impostos pelo contexto.

Só que havia um fio invisível e inquebrável que me segurava: minha fidelidade firme e irrevogável à minha esposa Kleice, a mulher brasileira cuja presença, mesmo à distância, era a âncora que sustentava minha alma. O amor que nutria por ela não podia ser abalado, ainda que a presença de Joséfa trouxesse ventos contrários que agitavam meus pensamentos e emoções. A lembrança do rosto sereno e dos olhos brilhantes de Kleice não era apenas um conforto, era a promessa silenciosa de um compromisso que eu honrava acima de tudo que a vida me trazia.

Essa tensão não era fácil de administrar. Às vezes, em conversas privadas, Joséfa compartilhava seus sentimentos com uma sinceridade preocupante, abrindo seu coração de uma forma que me fazia sentir uma desconcertante mistura de carinho e confusão. Ela não só gostava de mim, estava genuinamente interessada em mais; e eu sentia que a amizade — que eu prezava tanto — começava a ser posta à prova por essas emoções ambíguas e silenciosas. Por mais que eu tentasse me manter firme,

sabia que os passos daquele roteiro delicado precisavam de cuidado, respeito e honestidade.

Por sua vez, Joséfa mostrava uma elegância emocional rara. Nunca ultrapassava limites claros, mas sua presença silenciosa testava a força dos laços que me prendiam a Kleice. Sabia que uma palavra equivocada, um gesto impulsivo, poderia quebrar a confiança construída ao longo dos anos entre mim e o presidente Amara, que muito prezava nossa amizade antiga e dos tempos difíceis em Kiev, Bulgária e RDA. O equilíbrio era quase um malabarismo delicado, uma dança constante entre o afeto pessoal e a responsabilidade política.

Em um desses momentos de maior conversa franca, Joséfa admitiu sem rodeios o quanto me admirava não só como amigo, mas como homem. Eu respondi com a mesma franqueza, ressaltando que respeitava e valorizava profundamente nossa amizade — e que meu compromisso com Kleice era sagrado. Esse diálogo aberto, permeado de tristeza e compreensão, marcou uma redefinição dos nossos limites e do que poderia existir entre nós. Foi doloroso, mas

também libertador.

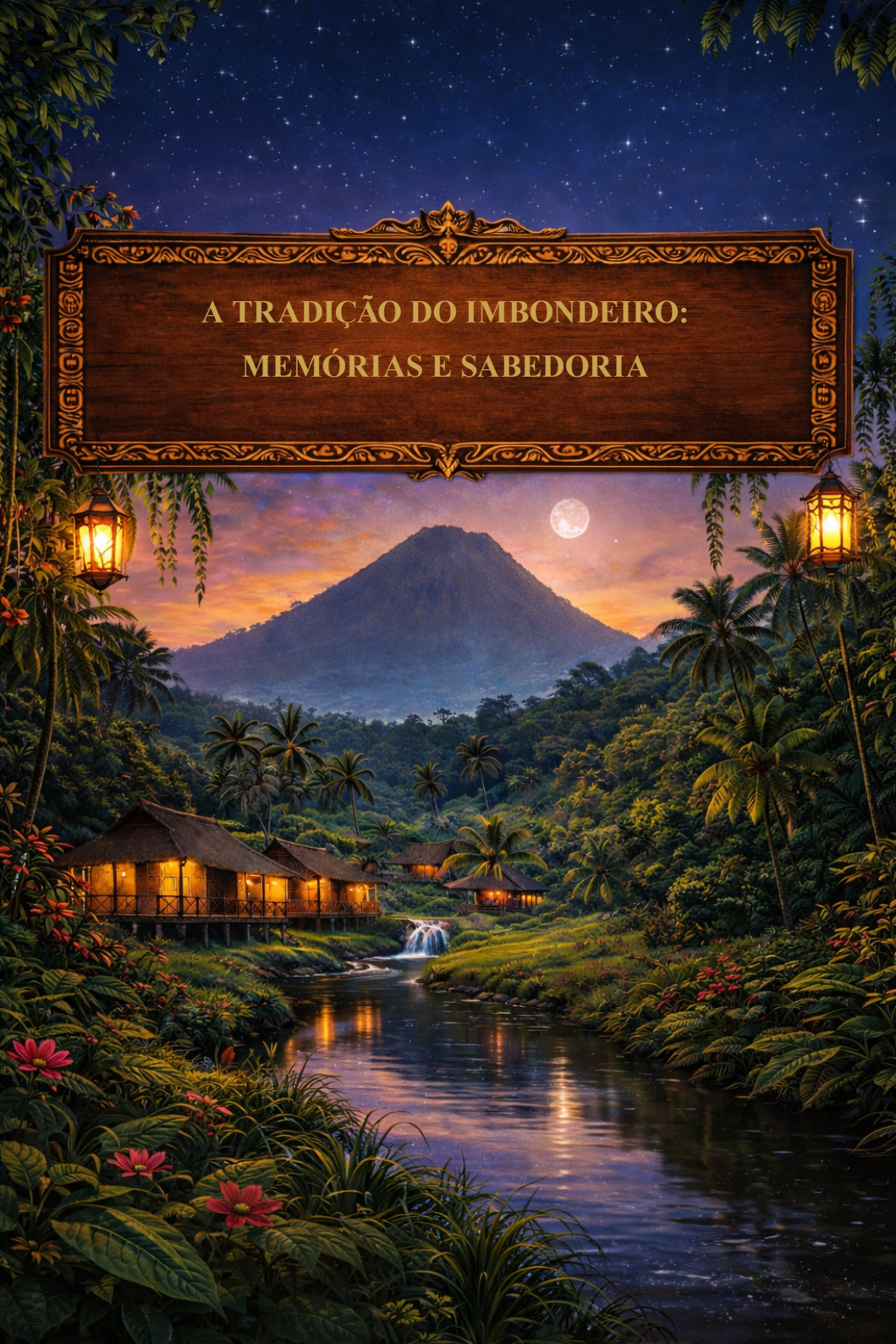
Durante os dias que se seguiram, cuidei para que nossos encontros e conversas mantivessem a delicadeza que a situação exigia, evitando qualquer oportunidade para sentimentos confusos se transformarem em ações que pudessem causar dano. Joséfa, com sua maturidade emocional, honrava esse pacto silencioso, e eu me esforçava para que nossa convivência fosse um exemplo de respeito mútuo, mesmo diante do turbilhão emocional que nos envolvia.

Por vezes, refletia sobre essa complexa trama de sentimentos e responsabilidades. Percebi que, além da política, da amizade e das alianças, esta viagem era — e sempre seria — também um percurso afetivo, onde o coração, com suas fragilidades e desejos, se entrelaçava com a razão e a ética. Aprender a lidar com esses laços invisíveis e silenciosos era um desafio que transcendia a geopolítica, tocando as esferas mais íntimas da existência humana.

Nesses momentos de introspecção, relembrei com

carinho minha esposa Kleice e o valor do compromisso que havíamos firmado. Sabia que aquela tensão, embora real, não destruiria o que construímos juntos. A delicadeza da amizade com Joséfa, o respeito às fronteiras emocionais e a lealdade inabalável que carrego comigo eram, afinal, os elementos que garantiam não apenas a integridade dessa relação singular, mas também a continuidade da confiança e da irmandade entre mim e o presidente Amara.

Assim, entre encontros e diálogos, risos e silêncios carregados de significado, essa tensão emocional foi se transformando em uma lição profunda sobre limites, respeito e a complexidade dos laços humanos, que transcendem o político, o estrutural e alcançam o essencial: a verdade dos sentimentos e o valor das escolhas. E é justamente nessa fina linha que essa viagem pessoal e política se desenrola — entre desejos contidos e lealdades firmes, entre a beleza da amizade e o peso dos compromissos, numa dança delicada que guardarei para sempre no íntimo do meu ser.


A TRADIÇÃO DO IMBONDEIRO:
MEMÓRIAS E SABEDORIA

O imbondeiro, essa árvore monumental, ergue-se majestoso no centro das aldeias e das cidades de Angolema como um símbolo vivo da ancestralidade e da sabedoria que permeia aquele povo. Conhecida como a "árvore da vida", sua presença transcende o simples papel botânico para se tornar uma guardiã das histórias, das memórias e dos valores que sustentam a comunidade. Durante minha estadia em Feka Yetu, tive a oportunidade de vivenciar de perto o impacto vibrante desse símbolo, cujo tronco robusto e galhos retorcidos parecem carregar não apenas o peso do tempo, mas também a força imortal da cultura angolemana.

O imbondeiro é uma árvore singular, capaz de sobreviver a secas longas, com seus galhos que se espalham amplamente e sua casca grossa e áspera, marcando sua resistência diante das adversidades. Mas mais que sua imponência física, é seu significado sagrado que ecoa por toda a nação. Para o povo angolemano, o imbondeiro é um elo visível entre o passado, o presente e o futuro — uma ponte viva que conecta gerações em uma mesma narrativa contínua, onde a memória ancestral se desdobra em

ensinamentos que orientam a vida diária e a governança.

Num dos meus passeios pela zona rural, participei de uma cerimônia tradicional em torno de um imbondeiro centenário, onde anciãos, jovens e crianças reuniam-se para celebrar o evamba, o rito de passagem que marca o ingresso dos adolescentes na vida adulta. A sombra acolhedora daquela árvore foi palco de danças, cânticos e histórias contadas com reverência, cada palavra uma oferenda para seus galhos protetores. Ali, ouvi relatos sobre como o imbondeiro testemunhou momentos cruciais da história local — reuniões secretas durante a luta pela independência, pactos de paz entre comunidades e ensinamentos passados de boca em boca, nutrindo a coesão social.

Mais impressionante ainda foi a percepção de que o respeito pela árvore não é um ritual vazio, mas uma prática que fundamenta a ética e os valores políticos de Angolema. O presidente Amara Kambale frequentemente cita o imbondeiro em seus discursos, usando sua imagem como metáfora para a nação que ele esforça-se para liderar: uma sociedade enraizada na sabedoria ancestral, mas

que cresce com a força da inovação, da justiça social e da sustentabilidade. É uma árvore que resiste a tempestades, que floresce mesmo em tempos difíceis e cujos frutos alimentam o corpo e a alma do povo.

A conexão simbólica se estende para as práticas cotidianas das comunidades. O imbondeiro é lugar de assembleias populares, de diálogos abertos onde as vozes de jovens, adultos e anciãos se misturam para decidir questões coletivas. Sob seus galhos, surgem pactos de responsabilidade mútua e planos para o futuro, estabelecendo a participação cidadã como um valor sagrado. A árvore torna-se assim um instrumento vivo de democracia ancestral que entranha o senso de pertencimento e o dever de cuidar do coletivo.

Além disso, o imbondeiro figura em incontáveis histórias e provérbios, transmitidos como tesouros culturais que educam e fortalecem a identidade. Diz-se, por exemplo, que "quem planta um imbondeiro planta um futuro" — uma máxima que sintetiza a visão angolemana de continuidade e cuidado intergeracional. Como guardião dos segredos e dos ensinamentos antigos, o imbondeiro ressignifica a ideia

de tempo, mostrando que passado, presente e futuro não são compartimentos estanques, mas aspectos de um ciclo eterno.

Na própria capital, vi o imbondeiro integrado à vida urbana, preservado em praças e jardins, onde moradores se encontram para momentos de reflexão, celebração e descanso. Essa coexistência entre o verde ancestral e o concreto moderno simboliza a síntese bem-sucedida que Angolema construiu entre tradição e progresso.

Em uma ocasião particularmente tocante, acompanhei o ancião Sheik Bakari, curador das tradições locais, numa visita ao imbondeiro mais antigo da região. Com reverência, ele tocava a casca da árvore, murmurando orações ancestrais, enquanto narrava histórias que ecoavam como ecos imortais na sombra daquele gigante. Para ele, o imbondeiro era a própria memória da comunidade, um arquivo vivo onde se encontra a orientação para enfrentar os desafios do presente e sonhar com um futuro justo e próspero.

Ao me despedir, senti uma serenidade profunda. O

imbondeiro me ensinara que a força verdadeira das nações não reside apenas no poder econômico ou na tecnologia, mas na capacidade de preservar e honrar aquilo que constitui a essência do ser — a memória, a cultura, a sabedoria compartilhada. Em Angolema, esse ensinamento se vive diariamente, e a árvore da vida permanece como guardiã silenciosa das esperanças, dos esforços e das conquistas desse povo resiliente.

Assim, o imbondeiro não é apenas uma árvore. É o símbolo maior da resistência, da vida, da comunidade — o coração pulsante que mantém viva a história e orienta o caminho de toda uma nação. E é sob sua sombra generosa que o passado, o presente e o futuro se entrelaçam, tecendo o eterno tecido da esperança angolemana.

REFLEXÕES E ESPERANÇAS PARA O FUTURO



Ao final dessa jornada intensa e inesquecível por Angolema, as imagens, os sons e as conversas que vivi ainda dançavam vibrantes em minha mente, como uma sinfonia cuidadosamente composta cujo último acorde despertava uma sensação profunda de admiração e esperança. Essa nação jovem, nascente, que conhecera tão de perto, é uma rara confluência de sabedoria ancestral e ousadia futurista — um exemplo que transcende suas fronteiras e aponta caminhos possíveis para muitos países, não só na África, mas em todo o mundo.

Angolema não foi apenas um destino geográfico; foi um aprendizado vivente sobre como é possível reconciliar histórias longas e, por vezes, dolorosas, com a necessidade imperiosa de inovação e progresso. Vi com os próprios olhos uma sociedade que abraça suas tradições, que mantém viva a chama dos rituais, das línguas e da memória ancestral, enquanto avança em pesquisas científicas, energia renovável, políticas públicas e educação multilíngue. Essa integração harmoniosa entre passado e presente não é uma casualidade, mas resultado de decisões conscientes,

lideradas por um governo que valoriza a justiça social e a sustentabilidade como pilares fundamentais.

O modelo econômico dessa república se destaca por sua ética rigorosa e pela capacidade de repartir a riqueza de forma justa, garantindo que o progresso não deixe para trás nenhuma camada da população. Ao distribuir os dividendos da exploração mineral diretamente aos cidadãos, Angolema cria um círculo virtuoso de prosperidade que fortalece laços sociais e fomenta o desenvolvimento local, demonstrando que a riqueza nacional é instrumento e não finalidade. Esse comprometimento com a equidade é o alicerce que sustenta a segurança, as instituições e a esperança de vida digna para todos.

A saúde universal, a educação gratuita e plural, o combate à corrupção com transparência inabalável — tudo faz parte de uma engrenagem que move o país rumo a um futuro sustentável e inclusivo. Mas tudo isso só ganha força porque se sustenta na cultura, nos valores éticos e na participação coletiva da sociedade. Em cada praça, em cada aldeia, em cada museu vivo que é o festival dos ancestrais,

senti que aquele povo possui uma consciência rara do que significa governar para todos, preservando a essência humana.

Minha convivência com figuras como o presidente Amara, a doutora Elena, Joséfa e tantos jovens como Paulo, Lemba, Amina e Joel expandiu meu olhar sobre o que pode ser um país — não uma mera entidade política, mas uma comunidade humana plena de sonhos, desafios, falhas e grandes vitórias. Eles me mostraram que a força da Angolema está em sua coragem para enfrentar o presente baseado numa profunda reflexão sobre o passado e um firme compromisso com as futuras gerações.

Saio de Angolema com a certeza de ter testemunhado não apenas um projeto nacional, mas uma mensagem universal: que a tradição não é inimiga da modernidade, que justiça social e crescimento econômico podem caminhar juntos, que a biodiversidade e a tecnologia são aliadas na construção do amanhã. Esta nação prova que o desenvolvimento sustentável é possível quando se escolhe governar com integridade, planejamento e amor pelo seu

povo e pela terra que o sustenta.

Como visitante, como amigo, sinto o chamado de que essas experiências não devem se perder no tempo. É urgente que o modelo angolemano — tão jovem e vigoroso — sirva de inspiração e ponto de partida para outras nações africanas que buscam se reinventar sem abrir mão de sua identidade, e mais ainda, para o mundo que precisa urgentemente de exemplos reais de convivência democrática, respeito ambiental e justiça social.

Levo comigo memórias e aprendizados que estarão para sempre gravados na minha alma. A esperança que brota ali — nas raízes profundas do imbondeiro, nas vozes dos anciãos, nos olhos curiosos das crianças, na convicção dos líderes — é um farol que ilumina o caminho para a humanidade inteira. Que Angolema continue sua trajetória de coragem e luz, servindo como um lembrete poderoso de que o futuro pode sim ser uma terra de equilíbrio, prosperidade e paz.

E assim, ao fechar as páginas desta visita, deixo aqui o meu tributo e minha fé no potencial infinito dessa

nação encantada e na força de seu povo — uma promessa viva que nos mantém todos confortados e motivados a acreditar que um mundo melhor é possível, e que ele começa onde há respeito, amor e compromisso com a justiça.

Que a Terra da Esperança siga brilhando, acima de tudo, como um símbolo eterno da luta humana por dignidade e felicidade.

O DESEJO DE RETORNAR À NAÇÃO ENCANTADA



Partir de Angolema foi como deixar para trás um pedaço do meu próprio coração. A despedida da Terra da Esperança trouxe uma mistura profunda de gratidão, saudade e um desejo ardente de reencontro. Entre as lembranças vívidas das savanas douradas, dos encontros cálidos nas praças de Feka Yetu e das vozes que ecoavam histórias ancestrais, ficou para mim não apenas a memória de um país, mas a certeza incontestável de que aquela nação tão jovem e pujante é um verdadeiro tesouro — uma Nação Encantada que merece ser visitada, conhecida, admirada e, sobretudo, preservada no mais íntimo da alma.

Desde o instante em que desembarquei e fui recebido pelo abraço caloroso do povo angolemano, até as conversas profundas com amigos novos e antigos, percebi que ali existia uma magia que transcendia os mapas e as descrições literárias. Era um espírito único, tecido a partir dos fios da tradição, da inovação, da justiça social e da solidariedade. Angolema não se oferece apenas como um destino; é uma experiência transformadora, capaz de remodelar olhares, abrir corações e redefinir conceitos sobre o que significa construir uma nação.

Por isso, faço aqui, silenciosamente, a minha

promessa íntima: voltarei a essa terra fascinante. Voltar para reencontrar suas ruas limpas e arborizadas, onde o vento sussurra segredos antigos entre os galhos do imbondeiro; para falar mais uma vez com Joséfa e compartilhar respeito e amizade; para assistir a mais uma cerimônia evamba, onde a juventude renova seus votos de cuidado e união; para aprender, estudar, sentir e participar da vida cidadã dessa nação que pulsa com tanta força e beleza.

Essa vontade de retorno não é apenas desejo pessoal; é um chamado à continuidade, à conexão inquebrantável com um lugar que mudou minha vida e ampliou meus horizontes. Angolema tornou-se para mim não só um país a ser explorado, mas um lar espiritual, uma fonte inesgotável de inspiração que alimenta sonhos e projetos. Saber que existe um espaço na África onde a ética, a cultura e a inovação caminham lado a lado me dá a certeza de que minha jornada nunca estará completa — e isso faz desse compromisso uma missão especial.

A "Nação Encantada" que aqui denomino é também uma mensagem concreta para o mundo: que o desenvolvimento pode ser justo, que a diversidade é riqueza, que a história e o futuro podem coexistir sem conflito. Um

lugar onde o amor pelo passado nutre as esperanças do amanhã, e onde as pessoas, com suas diferenças e forças, constroem coletivamente um destino de luz e prosperidade.

Enquanto o avião ganhava altitude e deixava para trás a vastidão dourada das savanas e o pulsar tranquilo das florestas, meu olhar se fixava com saudade naquela terra que já sentia como minha. E, em silêncio, repeti para mim mesmo a promessa que guardo com carinho e firmeza: voltarei, e não apenas para visitar, mas para me aprofundar na riqueza humana e cultural que Angolema oferece, para ser mais um guardião desse legado vivo.

Assim, deixo estas páginas com a alma repleta de esperança e o coração aberto para os reencontros que virão. Angolema, minha Nação Encantada, será sempre um lugar de encanto, aprendizado e amor, um pedaço do mundo que desejo eternamente manter vivo em minha memória histórica e afetiva — para que, ao voltar, eu possa celebrar novamente a vida que pulsa intensa e luminosa naquela terra privilegiada da África.

Até breve, Angolema. Até logo, para sempre.

EPÍLOGO: VOZES DO POVO ANGOLEMANO



Ao longo da minha permanência em Angolema, pude ouvir centenas de histórias, anedotas e relatos que traziam à tona o coração pulsante dessa nação singular. Antes de concluir minha narrativa, achei fundamental reunir as vozes daqueles que, no seu cotidiano, dão vida e força à República — homens e mulheres, jovens e anciãos, moradores da capital Feka Yetu e das regiões mais remotas. Essas vozes, simples e poderosas, ilustram o orgulho, o otimismo e a esperança genuína que invadem cada recanto do país, reafirmando a identidade e a união que definem a alma angolemana.

Maria, uma dona de casa do bairro Jardim dos Ipês, em Feka Yetu, falou com brilho nos olhos: "Aqui, temos paz e trabalho. Sei que o futuro dos meus filhos será melhor que o meu, porque temos um presidente que trabalha para o povo, para todos nós." Para ela, a distribuição anual das macutas tem sido fundamental para oferecer o básico com dignidade e permitir sonhos maiores. "Antes, a vida era dura, mas agora sinto que juntos podemos tudo."

Já em uma pequena aldeia próxima à savana,

Lukusa, um jovem agricultor, me contou como os programas de agricultura sustentável mudaram sua realidade. “Aprendi a cuidar da terra sem destruí-la. Nosso imbondeiro nos ensinou isso. Vivemos em paz com a natureza e sabemos que ela cuida da gente também.” Sua fala refletia o princípio de respeito e equilíbrio que domina as práticas tradicionais e que, hoje, é fortalecido pelas políticas governamentais. “Vejo muitos jovens retornando ao campo com esperança e vontade de fazer diferente.”

Na universidade, Henrique — estudante apaixonado por literatura — expressou sua convicção com entusiasmo: “Somos a geração que carrega nossa história e encara o desafio da globalização com coragem. A literatura como ‘A Cor da Africanidade’ nos conecta, nos fortalece para reivindicar nosso lugar no mundo.” Para ele, o intercâmbio cultural com o Brasil e outros países é um convite constante a descobrir, aprender e valorizar quem somos, enquanto construímos pontes para o futuro.

Em uma clínica pública, a enfermeira Amélia garantiu que, apesar das dificuldades, o sistema de

saúde universal funciona como um abrigo para os mais vulneráveis. “Aqui, somos família. Cada vida importa, e a presença da doutora Elena inspira a todos nós. Sabemos que podemos contar com um atendimento digno e humano.” A força da equipe médica e o compromisso coletivo traduzem um gesto de amor concretizado em cuidados reais.

Djalma, motorista de transporte público, compartilhou comigo sua visão da cidade: “Feka Yetu é limpa, segura e acolhedora. O respeito entre as pessoas é visível no dia a dia, na maneira como nos cumprimentamos e nos ajudamos. Esse é o espírito de Angolema: união e paz.” Para ele, os gestos simples, como a leve inclinação da cabeça ao cumprimentar, são símbolos de um país que se orgulha de sua identidade e cultura.

Nina, uma professora da rede pública, destacou a pluralidade e a riqueza do sistema educacional: “Ensinar uma criança que fala umbundo, português e ainda inglês e mandarim é um desafio, mas é também um privilégio. Formamos alunos preparados para o mundo, mas que nunca esquecem suas raízes.” O currículo multilíngue e a

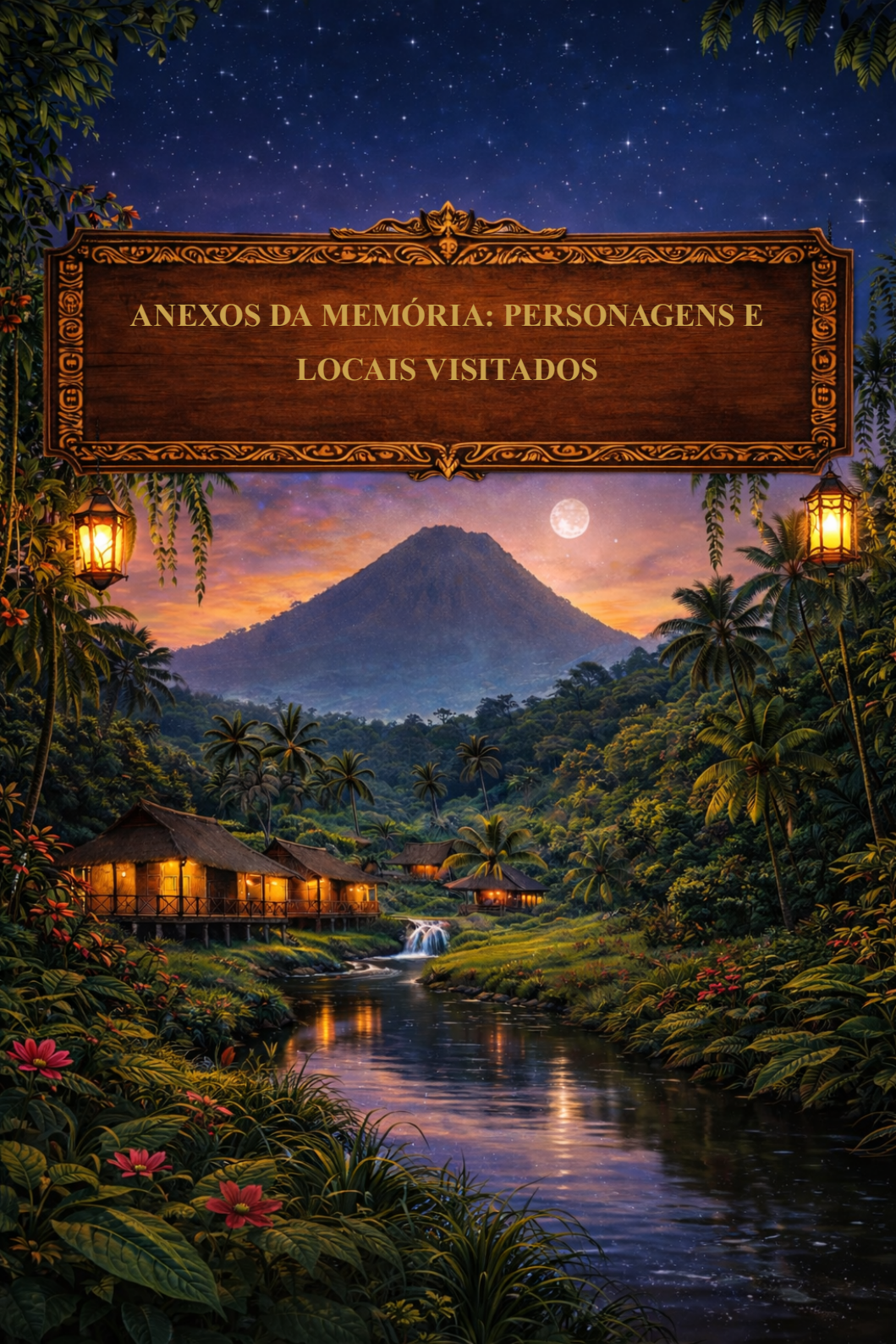
valorização da cultura local foram, para ela, fatores decisivos para a construção de uma identidade sólida e cidadã.

Por fim, Sheik Bakari, ancião e guardião das tradições, sintetizou a essência daquele povo: "Nossa força está na memória viva, nas histórias que contamos e nas promessas que fazemos às crianças. Angolema é nossa casa, um lugar onde o passado guia e o futuro acolhe. A comunidade que construímos é o alicerce do nosso progresso." Sua voz carregava a serenidade e a certeza de quem sabe que o caminho da esperança está na união e no respeito mútuo.

Essas vozes, colhidas em diferentes pontos e momentos, vão se entrelaçando para formar um quadro riquíssimo de um país que insiste em ser justo, plural e sustentável. Elas demonstram que Angolema não é apenas um território geográfico, mas uma comunidade viva que celebra sua diversidade, cultiva sua cultura e abraça um futuro promissor. São relatos que comprovam, mais do que teorias e discursos, o espírito de um povo que caminha unido rumo à construção de um mundo melhor.

Assim como essas histórias, Angolema mantém acesa a chama da esperança, inspirando não apenas seus cidadãos, mas todos aqueles que desejam acreditar que é possível transformar sonhos em conquistas e desafios em vitórias. É essa força, essa energia coletiva e essa determinação cúmplice que sustentam a verdadeira alma da Nação Encantada que tive a honra de visitar e que carrego comigo, agora e sempre.

ANEXOS DA MEMÓRIA: PERSONAGENS E LOCAIS VISITADOS



Ao longo desta narrativa, uma série de personagens singulares e locais emblemáticos cruzaram o caminho desta viagem, cada um desempenhando um papel fundamental na construção da imagem viva e multifacetada de Angolema. Este anexo é dedicado a apresentar, com detalhes que reforçam sua importância, essas figuras e espaços, para que o leitor possa mergulhar ainda mais profundamente no universo encantador dessa nação.

Personagens Principais

- Amara Kambale: Presidente de Angolema e meu antigo colega de pilotagem nos tempos da União Soviética. Amara é um homem de integridade inabalável, líder visionário que conjuga experiência técnica, ética e sensibilidade política. Sua gestão é marcada pelo compromisso com a justiça social, a transparência governamental e a sustentabilidade ambiental. A amizade que mantemos desde a RDA tornou-se uma ponte entre minha jornada pessoal e a história da nação.

- Elena Morozova: Médica russa da Sibéria oriental

e esposa do presidente Amara. Formada na Academia de Ciências Wilhelm Pieck, ela dedica-se incansavelmente à saúde pública angolemana, especialmente atendendo gratuitamente as populações mais vulneráveis. Sua atuação altruísta inspira profissionais da saúde e representa um elo vital entre a solidariedade internacional e o cuidado local.

- Joséfa Kambale: Irmã do presidente, mulher culta, bela e de personalidade marcante. Seu interesse romântico por mim introduziu um delicado e complexo conflito emocional na narrativa, que escapa da esfera da política e toca as relações humanas profundas. Joséfa simboliza as nuances pessoais que permeiam as conexões afetivas em um cenário político.

- Lemba: Jovem estudante de Direito, pesquisador dedicado aos provérbios e tradições locais. Para ele, a justiça não pode ser entendida sem o respeito às raízes culturais, e seus estudos buscam integrar os saberes ancestrais ao sistema jurídico contemporâneo.

- Amina: Estudante de Sociologia especializada em mudanças sociais decorrentes da ocidentalização. Sua abordagem inclui pesquisas de campo em zonas rurais,

sempre preocupada com o equilíbrio entre tradição e modernização.

- Joel: Agrônomo que trabalha na valorização de plantas medicinais usadas por curandeiros para desenvolver medicamentos modernos. Seu trabalho é síntese entre ciência tradicional e inovação tecnológica.

- Henrique: Estudante de Ciências Humanas e apaixonado pela obra literária "A Cor da Africanidade", de Portelinha. Ele representa a nova geração que busca fortalecer a identidade cultural através da literatura e do intercâmbio cultural.

- Portelinha (Ndala Tchacussugãma): Escritor angolano e professor catedrático da Universidade Federal do Tocantins, no Brasil. Atualmente, é professor visitante da Universidade Nacional de Angolema, articulando laços culturais entre Angola e Brasil por meio da literatura e do ensino.

- Thomas Levy: Antropólogo americano renomado, visitante da Universidade Nacional de Angolema. Participa de diálogos interdisciplinares que integram saberes ancestrais e científicos, fomentando um ambiente acadêmico

plural e inovador.

- Sheik Bakari: Ancião e guardião das tradições angolemanas. Sua sabedoria espiritual e cultural enriquece as discussões acadêmicas, reforçando a importância dos rituais e saberes ancestrais na formação da identidade nacional.

- Mara: Mãe de família e pequena empreendedora local, símbolo vivo do impacto positivo das políticas de distribuição de renda, que garantem dignidade e oportunidades a todos os cidadãos.

Locais Visitados

- Feka Yetu: Capital de Angolema, cidade harmoniosa que une planejamento urbano, natureza e cultura. Destaca-se pela limpeza, organização, praças arborizadas, mercados vibrantes e uma arquitetura que mescla tradição e modernidade. É o coração pulsante da nação, onde ocorreram a maior parte dos eventos narrados.

- Palácio Presidencial: Sede da presidência e local de convivência com o casal Amara e Elena. Reflete

a síntese entre tradição arquitetônica africana e tecnologia sustentável, um símbolo da governança ética e moderna.

- Universidade Nacional de Angolema: Centro de excelência acadêmica que reúne estudantes e professores de diversas partes do mundo. Lugar de diálogo multicultural e interdisciplinar, palco das pesquisas de Lemba, Amina, Joel, Henrique e visitas de Thomas Levy e Portelinha.

- Aldeias Tradicionais: Espaços onde os rituais como o evamba e cultos aos antepassados acontecem sob a sombra dos imbondei-ros — as árvores da vida. Esses locais mantêm vivos os sonhos, as memórias e a sabedoria do povo angolemano.

- Mercado Central de Feka Yetu: Espaço vibrante de comércio e cultura, onde cores, sabores, sons e aromas entrelaçam-se para representar a diversidade e a riqueza do cotidiano angolemano.

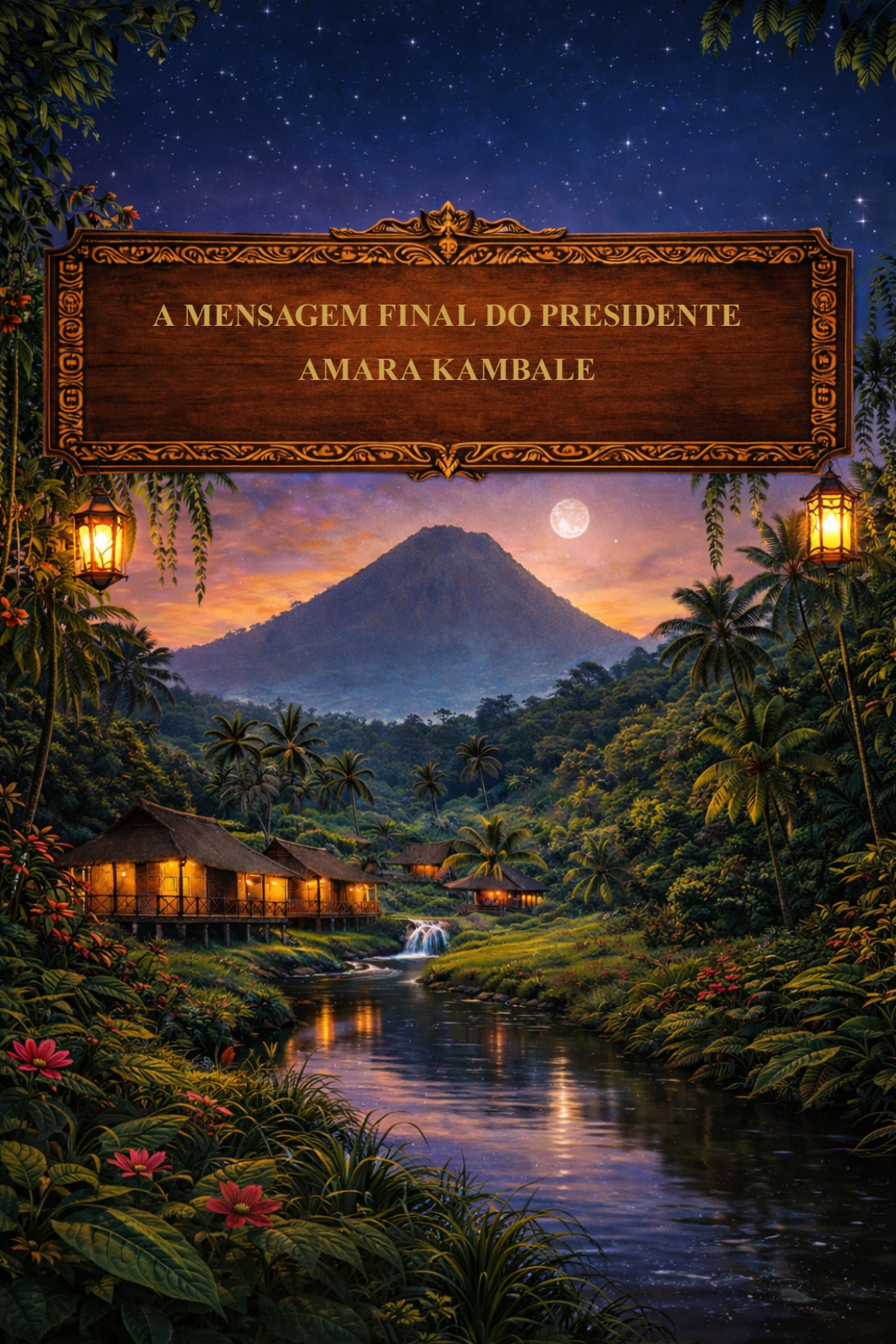
- Áreas Mineradoras: Focos de exploração responsável de cobre, coltan e lítio, onde modernas técnicas sustentáveis e monitoramento ambiental convergem com a participação comunitária para garantir um equilíbrio entre desenvolvimento econômico e preservação ambiental.

- Parques de Energia Limpa: Usinas solares e parques eólicos espalhados por Angolema, símbolos do compromisso nacional com a sustentabilidade e a inovação verde.

- Residências Familiares: Exemplificadas pela moradia de Mara, são locais que ilustram a vida cotidiana da população, a dignidade conferida pela política de distribuição de renda e a esperança no futuro.

Este conjunto de personagens e cenário forma a tapeçaria viva que é Angolema — uma nação que, apesar dos desafios, se ergue como modelo de ética, pluralidade e resiliência. Conhecer suas histórias e seus espaços é fundamental para compreender a complexidade e a beleza desse país que tanto me marcou e que convido você, leitor, a manter sempre vivo na memória e no coração.

A MENSAGEM FINAL DO PRESIDENTE AMARA KAMBALE



Ao chegar ao término desta jornada pela alma de Angolema, sinto que nada poderia ser mais adequado do que fechar estas páginas com as palavras do próprio presidente Amara Kambale, cuja sabedoria e coração aberto guiaram a construção desse país exemplar. Foi com profunda gratidão que aceitei seu convite para esta mensagem final, um legado de esperança, unidade e integridade que ecoa muito além da capital Feka Yetu, ressoando no coração de cada angolemano e de todos que sonham com um mundo melhor.

Em seu gabinete revestido de simplicidade e elegância, Amara foi direto ao ponto, com o olhar firme e a voz tranquila, impregnada da força que vem da convicção e da longa experiência de quem carrega a responsabilidade de liderar uma nação no século XXI.

— "Angolema nasceu da coragem de um povo que decidiu romper com as correntes do passado para construir sua própria história. Somos uma nação jovem, mas com raízes profundas e um compromisso inabalável com a justiça, a transparência e o respeito ao meio ambiente. É nesse equilíbrio — entre tradição e modernidade,

entre crescimento econômico e sustentabilidade — que encontramos a base sólida para nosso futuro."

Ele fez uma pausa, como se recolhesse toda a energia do momento antes de prosseguir, convidando a todos a refletir sobre a importância da união nas diferenças.

— "Aqui em Angolema, aprendemos que a diversidade é nossa maior força. Cada idioma, cada costume, cada trajetória contribui para tecer um tecido social rico e resiliente. A unidade que buscamos não é uniformidade, mas sim a celebração das diferenças que nos enriquecem, o diálogo permanente e o compromisso mútuo em edificar um país onde todas as vozes sejam ouvidas."

Refletiu sobre os desafios encontrados, mas destacou o peso das escolhas éticas que nortearam cada passo.

— "Os desafios são muitos, desde a preservação das nossas florestas e savanas até a gestão justa dos nossos recursos minerários. Mas enfrentar essas adversidades com transparência e participação popular é a promessa que fizemos a nós mesmos. A corrupção, que em tantos

lugares se alastra como praga, aqui é combatida com rigor e coragem, porque nenhum gestor público está acima da lei."

O presidente lembrou com carinho da importância do investimento na educação, na saúde e na ciência, pilares fundamentais que garantem o desenvolvimento pleno do ser humano.

— "Nossa prioridade é educar nossas crianças para que elas descubram o valor de suas culturas e ao mesmo tempo estejam abertas ao conhecimento universal. A ciência, a cultura, a inovação — tudo isso são ferramentas essenciais para garantir que Angolema continue evoluindo de forma harmônica e inclusiva. A saúde pública, a segurança e o respeito aos direitos humanos são compromissos que fortalecemos diariamente, pois acreditamos que uma nação só cresce quando cuida de todos os seus cidadãos."

Ao encerrar, Amara Kambale fez um convite que ressoou como um chamado universal.

— "Meu desejo é que Angolema sirva como um farol não apenas para a África, mas para o mundo inteiro. Um exemplo vivo de que é possível governar com

ética, promover a justiça social e preservar a natureza simultaneamente. Que possamos juntos construir futuros onde a esperança, a dignidade e a fraternidade sejam realidade para todos. Acreditem — e façam sua parte — porque o futuro melhor depende de nós, agora."

As últimas palavras saíram como uma promessa calorosa, uma inspiração profunda, e, naquele instante, compreendi que Angolema é mais do que um país: é um projeto de vida coletivo, um sonho tornado em ação, um sussurro para a humanidade que não pode ser ignorado.

Com essas palavras, deixo o leitor não só com a impressão de um lugar, mas com a certeza de um convite sincero. Acreditem na força da integridade, da união e da esperança. Pois destes valores nasce a verdadeira grandeza de uma nação e, quem sabe, do nosso mundo.

Do autor



João Rodrigues Portelinha da Silva é um homem que carrega Angola no peito e o Brasil na alma. Nascido em 17 de julho de 1957, na Caála, no Huambo, já mostrou desde cedo que a vida não seria um passeio tranquilo. Lutou pela independência de Angola com armas na mão — não por heroísmo vazado em livros, mas porque acreditava que a verdadeira liberdade tem cheiro de chão molhado, suor e

coragem. Veterano do MPLA e oficial das Forças Armadas Angolanas, ele conhece o gosto da luta, aquele que transforma o medo em esperança. Mas não pense que a história dele só tem fuzil e fogo. Portelinha é também um homem das letras, um viajante das ideias que saltou do direito angolano para a Ciência Política na Alemanha Oriental — naquela escola que já foi residência de campo de Goebbels! — e depois se aventurou pela Bulgária, Brasil e Portugal. Entre um país e outro, ele foi acumulando histórias, doutorados, mestrados, pós-doutorados... mas quem pensa que isso o transformou num professor chato nunca esteve na sala de aula com ele. Hoje, é o único Professor Titular do curso de Direito na UFT, foi o primeiro doutor e pós-doutor do curso e decano por estar desde o início de sua fundação. É um dos protagonistas da constituição da UFT. E assim vai moldando a futura geração de juristas com entusiasmo e um olho para o humano por trás do jurídico. Nas horas vagas — que para ele não são só descanso, mas invenção — Portelinha cuida do seu jardim, cozinha com alma e se aventura em projetos arquitetônicos que mais parecem

arquétipos criativos do homem que sempre gostou de construir pontes, entre culturas, gerações e saberes. E para entender sua alma, ele mesmo diz: "Dizem que Portugal foi o pai do Brasil, mas Angola, essa foi a mãe preta que amamentou culturalmente o Brasil e o colocou ao colo, pelas mãos das mucamas." Uma frase que não é só memória, mas pulsação. Não é só história, é lar — o lar da língua, da pele e do ritmo que une África e América. A vida de Portelinha é, em si, é uma crônica viva. Não apenas por tudo que fez, mas pela forma como o fez — juntando passado e presente, luta e literatura, ação e poesia. Um homem que escreve não para registrar, mas para fazer renascer. Que transforma a resistência em palavras, e as palavras em caminhos para quem quiser seguir. É esse homem, com seu jardim, sua cozinha e seus cadernos, que nos conta Angola e Brasil de um jeito que só quem viveu pode contar: com amor, verdade e aquela pontinha de insurgência que muda o mundo.

Dedicatória

À memória de minha mãe, Rosa, minha primeira e mais fiel leitora.

Por cada página que leu, cada silêncio que me ouviu, e por ter acreditado nas palavras antes mesmo de elas existirem.


Uma jornada imaginária por uma nação africana que celebra a ancestralidade, a diversidade e a cultura, inspirando reflexões sobre justiça social, sustentabilidade e esperança.
Periódicos
EDITORA ACADÊMICA